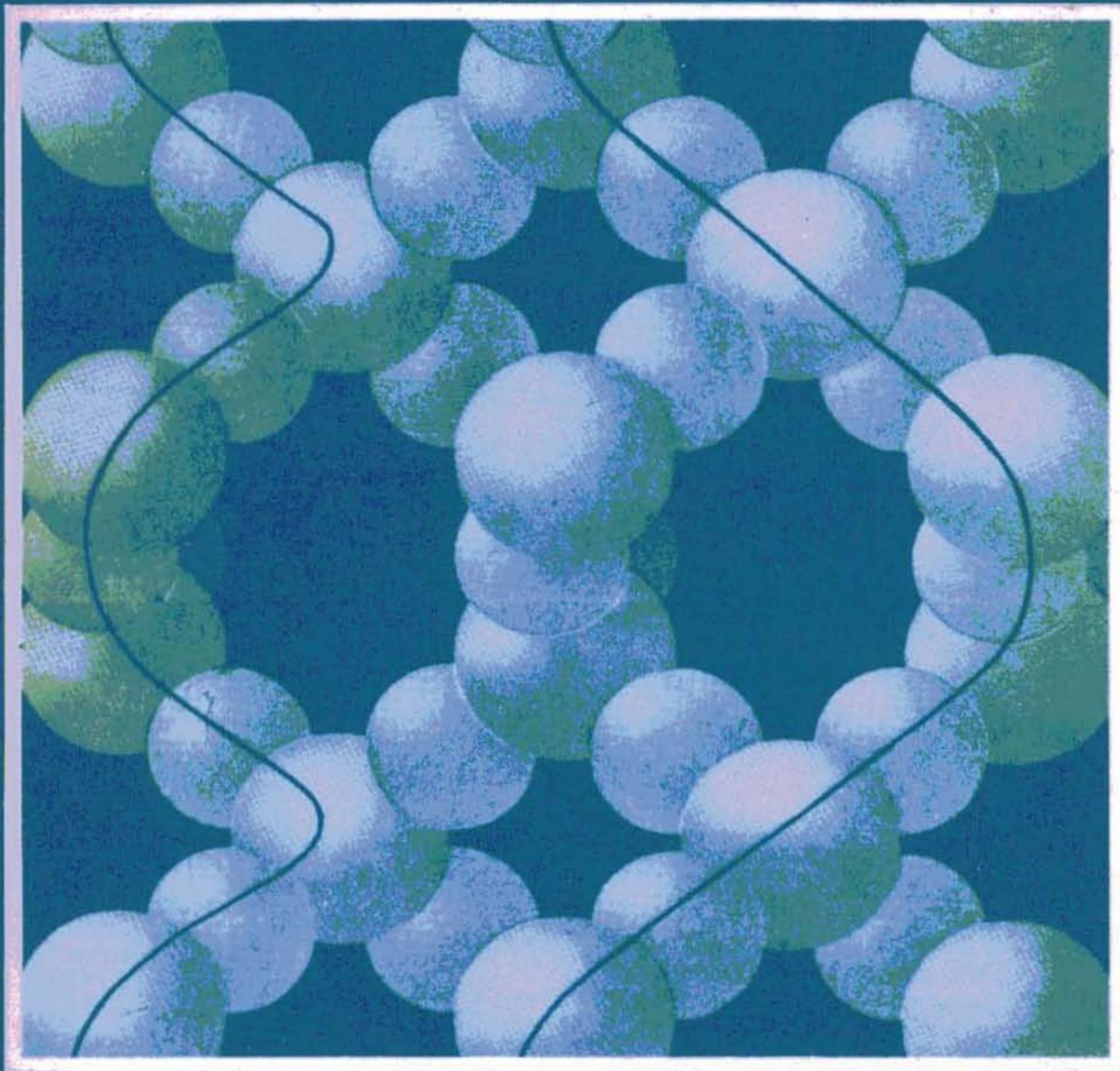


# convergência

ABR — 1976 — ANO IX — Nº 91



- **POBREZA EVANGÉLICA VIVIDA NO MUNDO DE HOJE**, Frei Luís Maria Sartori, OFM  
Página 139
- **O HOMEM SECULARIZADO À PROCURA DA SOLIDÃO**, Dom Cirilo Folch Gomes, OSB  
Página 163
- **EXIGÊNCIAS PARA UMA FORMAÇÃO PERMANENTE**  
Frei Basílio Prim, OFM  
Página 172

## CONVERGÊNCIA

revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

### Diretor-Responsável:

Frei Constâncio Nogara, OFM

### Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

### Direção, Redação, Administração:

Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar  
(ZC-05) — 20.000 RIO DE JANEIRO  
— RJ

---

### Assinaturas para 1976:

---

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea) ..... Cr\$ 110,00  
Exterior: marítima ..... US\$ 17,00  
          aérea ..... US\$ 25,00  
Número avulso ..... Cr\$ 11,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

---

**Composição:** Compositora Helvética  
Ltda., rua Correia Vasques, 25  
20.000 Rio de Janeiro — RJ

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,  
100/ 25.600 Petrópolis — RJ.

### Nossa Capa:

Close num processo de desintegração molecular. A força que une os átomos responde pela estrutura e pela organização do mundo das coisas. A coesão e a rigidez dos corpos sólidos são asseguradas pelas forças interatômicas. Se o átomo for radiativo tende a desintegrar-se para, ao longo de seu percurso, radiativar outros átomos em cadeia. Energia e movimento. **CONVERGÊNCIA** quer ser um átomo radiativo. Um convite para sobreviver melhor saindo do imobilismo. Um estímulo para a partida.



# SUMÁRIO

EDITORIAL .....	129
●	
INFORME DA CRB .....	131
●	
PROBREZA EVANGÉLICA VIVIDA NO MUNDO DE HOJE, Frei Luís Maria Sartori, OFM	139
●	
A MISSÃO DA RELIGIOSA HOJE, Dom Eduardo Pirônio, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares .....	155
●	
O HOMEM SECULARIZADO À PROCURA DA SOLIDÃO, Dom Cirilo Folch Gomes, OSB ....	163
●	
EXIGÊNCIAS PARA UMA FORMAÇÃO PERMANENTE, Frei Basílio Prim, OFM .....	172
●	
RELIGIOSAS PROFISSIONALIZADAS, Ir. Jeanne Marie Tierny, OSU e Ir. Laura Maria Mousinho, NDS .....	179
●	
LIVROS NOVOS .....	189

# EDITORIAL

Muitas pessoas, entre elas bispos, padres, religiosos, religiosas assustaram-se com as mudanças e novidades, sobretudo com os desafios que o Vaticano II introduziu na Igreja. De todos os lados apareciam interrogações. As respostas mais inesperadas eram dadas a um leque crescente de desafios desconcertantes.

Estariam os Padres Conciliares no caminho certo? Seria obra do Espírito Santo provocar tanto desconforto, abrir tantas janelas, soprar tantos ventos desconhecidos, fazer falar os leigos, exigir transformações na vida clerical, dialogar com a comunidade antes de decidir, recordar aos bispos que eram pastores, aos padres que eram servos, aos religiosos que eram profetas? Como harmonizar a secular paz claustral, os horários perfeitíssimos, as obras bem construídas e pagas, base de segurança, com as novas orientações, com os "sinais dos tempos"? Seria um equívoco ou um desafio? Equívoco não, porque Deus conduz a história e sua Igreja. Um desafio sim, que vai exigir mais oração, mais discernimento, mais fé, mais trabalho, mais busca, todavia deverá conduzir também a uma maior fidelidade e a um crescimento de comunhão fraterna.

Nós estávamos desabituaados a enfrentar agudos desafios dentro da Igreja, e sobretudo na vida religiosa. Quando apareceram, nos assustamos. Confiamos, entretanto, que brevemente passaríamos. E não passaram. E estão aí, diante de nós, espreitando a vida de oração, a vida comunitária, a vivência dos votos, nossas obras e o conjunto da vida religiosa.

Ademais, o homem prova sua fidelidade ao ideal, a Deus ou à sua consagração, quando se defronta com um desafio. Este é uma necessidade para o crescimento e o dinamismo da vida. Ou como disse o poeta: "A vida é um combate que aos fracos abate... viver é lutar". Quando não houver nada mais a nos desafiar, virá forçosamente a acomodação. Virá o desânimo. Aí perecemos. Enquanto houver desafios, a vida religiosa será sinal de vida, de dinamismo, de progresso e de conquista.

Apresentamos neste número cinco trabalhos, cada qual analisando, de um ângulo diferente, várias incidências, desafiadoras à vida religiosa.

**Frei Luís Maria Sartori, OFM,** com sua larga experiência entre operários e patrões, ricos e pobres, apresenta-nos uma análise

do que poderia ser pobreza hoje. A maior parte da humanidade está na pobreza. Os religiosos fizeram voto de pobreza. E quem a vive? Como deveria ser vivida? Precisa ser um sinal compreensível de algum valor e, ao mesmo tempo, um sinal contestatário, que ajude aos homens a se arrancarem da acomodação. O modo como vivemos este valor evangélico é convincente?

**Dom Eduardo Pirônio**, novo Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, descreve o desafio do ser religioso hoje na América Latina. Somente pessoas de comprovada fé o podem ser. Não se pode conceber uma vida religiosa que não seja um gesto de fidelidade à Igreja, à realidade em que a pessoa vive. Estabelecer um equilíbrio entre estes três movimentos exige empenho que perdurará toda a vida.

**Dom Cirilo Folch Gomes, OSB**, chama a atenção para a importância do silêncio e da solidão. Apesar das vertiginosas mudanças e acelerações da vida, o homem continua buscando um encontro consigo mesmo, com seu destino. Não suportamos viver sempre correndo. O próprio Cristo se retirava do mundo, seguidamente, para descansar, para orar. Nós igualmente necessitamos destes "retiros" e mais ainda, para encontrar o sentido da própria vida. A tentação existe também para o religioso: deixar totalmente o silêncio para

perder-se no torvelinho da agitação.

**Frei Basílio Prim, OFM**, aborda um tema que interessa a todos: a formação permanente. Somos pessoas sempre em formação. A teoria do passado que, após o noviciado ou os estudos teológicos, a reflexão sistemática perdia sentido, mais do que nunca é hoje falsa. O problema, entretanto, é saber como e o que fazer. A resposta poderá ser dada unicamente através de tentativas e de riscos, ou seja, fazer face aos desafios. Várias pistas são apontadas.

**Irmãs Jeanne Marie Tierny, OSU, e Laura Maria Mousinho, SDN**, nos dão os dados e uma rica série de comentários sobre duas pesquisas e encontros sobre a religiosa profissionalizada. Dos desafios à vida religiosa feminina, este certamente é dos mais agudos. A mulher deverá ser religiosa, sem fugir para um angelismo, igualmente sem deixar tragar-se pelo mundo de consumo materialista. O equilíbrio será um novo estilo de vida religiosa, que não aparecerá sem riscos, mas com alvissareiras perspectivas.

Após ler qualquer um dos trabalhos apresentados, não deixe de nos enviar sua apreciação. Queremos servir e sempre melhor.

**Frei Constâncio Nogara, OFM**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### I

#### **Novo Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos fala da CRB**

Por ocasião da VI Assembléia Geral da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), realizada em Caracas, de 8 a 15 de fevereiro de 1976, esteve presente o novo Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, **Dom Eduardo Pirônio**. Os representantes do Brasil na Assembléia tiveram um encontro com ele, em que lhe deram uma visão panorâmica da Igreja e da Vida Religiosa no Brasil. Estava presente também **Dom Aloísio Lorscheider**, Presidente da CNBB e Presidente do CELAM. Na breve resposta, disse-nos Dom Pirônio:

“Agradeço a Vocês por terem me chamado para dar-me uma informação sobre a Igreja e a Vida Religiosa no Brasil. Frequentemente acontece que só recebemos notícias de problemas e de coisas negativas. Alegro-me em ver todo o bem que está sendo feito no Brasil, sobretudo no campo do relacionamento entre religiosos e bispos entre CRB e CNBB. Fico feliz de que isso tenha sido dito, não apenas por Vocês religiosos, mas também pelo Presidente

da CNBB. Dom Aloísio Lorscheider. Vamos que Vocês chegaram a colocar tudo em comum, numa mútua colaboração admirável.

“O que me encanta é a ênfase que deram ao fato de que atualmente os bispos se interessam pelo **ser** da vida religiosa. Que os bispos se tenham convertido em discípulos, na escuta, para chegarem a ser animadores da vida religiosa. Também em Roma tivemos uma reunião conjunta. E o que os religiosos pedem aos bispos é que se interessem por seu carisma, por sua **vida**. O carisma é necessário para vida.

“Interessam-me os passos concretos que têm sido dados no sentido dessa comunhão eclesial de busca. Quero sublinhar a importância da reflexão. É maravilhoso que alguns elementos das equipes de reflexão teológica da CNBB e da CRB coincidam. O que lhes posso garantir, e que eu entendo, é que o trabalho da Sagrada Congregação dos Religiosos é animar, dar impulso, dinamizar a vida religiosa nas Igrejas, por dentro. Não entendo de técnicas da vida religiosa, mas entendo de Jesus Cristo e de sua Igreja. Quero dinamizar e impulsionar a alegria da vida religiosa.

“Desde que o Santo Padre me confiou a Sagrada Congregação dos Reli-

giosos, resumo em três pontos meu programa de atuação: **1.** A Igreja. Dentro do mistério da Igreja, a alegria de ser Igreja. **2.** A alegria da contemplação. Hoje fala-se mais na expressão **experiência de Deus**. Trata-se, em toda a nossa vida, de um permanente ver e encontrar o Senhor em tudo. **3.** A alegria da esperança.

"Este é o programa que me propus. E para isso desejo que os religiosos pensem na Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares como algo amado e que os ama. Que o Senhor abençoe a Conferência dos Religiosos do Brasil e a vida religiosa neste país".

## 2

### VI Assembléia Geral da CLAR

De 8 a 15 de fevereiro de 1976, realizou-se em Caracas, Colômbia, a VI Assembléia Geral da Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR), à qual estiveram presentes 90 Delegados de todos os países latino-americanos. A Assembléia que, segundo seus Estatutos, se reúne cada três anos, teve por objeto:

1. Refletir sobre um tema da Vida Religiosa que, no momento, tenha forte significado.
2. Informar detalhadamente sobre as atividades do último triênio.
3. Fazer uma avaliação de tudo quanto se realizou.
4. Planejar o próximo triênio.
5. Renovar cargos de Direção.

O tema deste ano foi: "A Vida Religiosa na Igreja da América Latina e o serviço que a CLAR pode prestar à Igreja através da renovação da vida religiosa que, como CLAR, está propiciando", sem perder de vista que a CLAR são as mesmas Conferências Nacionais às quais coordena e presta serviço.

A dinâmica da Assembléia permitiu harmonizar o estudo crítico da Instituição com momentos de forte reflexão pessoal e comunitária. Ambas as atividades deixaram muito claro um eixo, único centro polarizador de interesse e que se sublinhou a partir das primeiras reuniões: "O importante hoje para os religiosos na América Latina não são as tarefas, mas o projeto de vida que ser religioso supõe. Cada vez, com maior força, sentem os religiosos que, importante mesmo não é o que estão fazendo, embora isto tenha a sua eficiente mensagem, mas o porquê estão fazendo, o porquê assumem um determinado projeto de vida e, ao fazer esta opção, estão escolhendo valores, uma maneira de ser homens em fraternidade, repartindo o que são e o que têm, fazendo história juntos..."

A presença familiar, permanente e cheia de afeto de Dom Eduardo Pirônio, ex-Presidente do CELAM e atual Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e de Dom Aloísio Lorscheider, Presidente da CNBB e Presidente do CELAM, deu à Assembléia um tom de especial aproximação com a hierarquia. Uma hierarquia que reflete com os religiosos num mesmo plano de busca da verdade, para encontrar novos caminhos, caminhos a serem percorridos juntos e unidos até a formação de uma Igreja que seja entre os homens, uma presença eficaz

e tangível do Reino de Cristo. Dom Pirônio, tão especialmente querido pelos religiosos da América Latina, dirigiu os dois dias de deserto que os participantes realizaram, quarta e quinta-feiras. Tema de reflexão destes dois dias: "A alegria, baseada na virtude teológica da esperança".

Novidade nesta Assembléia e motivo de enriquecimento para a reflexão foi a presença da Equipe de Reflexão Teológica da CLAR, cuja missão foi assessorar a reunião no que referisse ao conteúdo. Dois destes teólogos, Pe. Ronaldo Muñoz, SS.CC. e Pe. Eugênio Delaney, C. P. introduziram a reflexão teológica com uma motivação. A equipe total presidiu ao painel em que os Delegados apresentaram os temas mais importantes: Juventude, Consagração pelos Votos, Novas Formas de Vida Religiosa.

Durante os dias da reunião, a Assembléia fez ainda um trabalho de análises da realidade da vida religiosa na América Latina através da CLAR. A CLAR refletiu sobre si mesma, examinou suas atividades num contexto muito concreto que é o seu próprio meio-ambiente geográfico, cultural, humano, com todas as conseqüências que isto implica. Planejou simultaneamente as grandes linhas, seguindo o anteprojeto apresentado pela Diretoria cessante, aquilo que se poderia chamar Projetos-Chaves que são exigências do Plano Global, aprovado pela Assembléia.

A nova Diretoria foi eleita no dia 13. Está assim constituída: **Presidente:** Pe. Carlos Palmés, SJ, **Bolívia.** **Vice-Presidente:** Pe. Mateus Perdia, C. P., **Argentina.** **Vice-Presidente:** Irmão José Luís Razo, F.M.S., **México.** **Vice-Presidente:** Irmã Hermengarda Alves Martins, R. S.

C. J., **Brasil. Secretário-Geral:** Frei Luís E. Patiño S., O.F.M. **Colômbia.** Segundo os Estatutos, os três Vice-Presidentes devem ser um sacerdote, uma irmã e um irmão. A Diretoria ainda se compõe de doze Conselheiros de todas as nações latino-americanas, de modo que a CLAR seja realmente representativa. Foram eleitos para representar o Brasil: Irmã Hermengarda Alves Martins, R. S. C. J., como Vice-Presidente e três Conselheiros: Dom Timóteo Amoroso Anastácio, OSB; Irmã Elza Giovanella, Catequista Franciscana e Irmã Henrique Cristiano van der Maat, IMMM.

Como convidados especiais estiveram presentes nesta Assembléia Geral da CLAR: Pe. Henrique Systemans, SS.CC., Secretário Geral da União dos Superiores Gerais (USG), de Roma; Irmã Maria Teresa Astray, Superiora Geral das Irmãs Missionárias Mercedárias de Berriz, representando a União Internacional das Superiores Gerais (UISG), de Roma; Pe. José Antônio Rico, SDB, Presidente da Conferência dos Religiosos da Espanha e Irmã Maria de Jesus Jurado, Sch P., também representando os religiosos da Espanha; Pe. Albert Dumont, OP, Secretário Geral da Conferência dos Religiosos do Canadá e o Sr. Bernard Stever, representando a Misereor.

Dom Alofsio Lorscheider, Presidente do CELAM, presidiu a última eucaristia. Suas palavras de estímulo e de esperança na vida religiosa e na CLAR foram uma abertura de novos horizontes para as tarefas da Igreja que os religiosos estão realizando na América Latina. Sobretudo sua atitude de estar presente até o último momento foi uma aprovação a tudo que se estudou e se planejou naqueles dias.

## Encontro Nacional da CRB Nacional e Regionais

Nos dias 19 a 24 de fevereiro estiveram reunidos, na Casa de Retiro da Gávea, Rio de Janeiro, 41 representantes das 15 Regionais da CRB, mais a Diretoria e Executivo Nacionais. Cada Regional enviou dois representantes, normalmente, o Presidente e o Secretário Executivo. Trata-se de um encontro que tem lugar todos os anos, com o objetivo de fazer uma revisão das atividades da CRB, refletir sobre alguns problemas ou aspectos teológicos mais fundamentais e traçar linhas de ação para o próximo ano. Dentro desta perspectiva o programa constou dos seguintes pontos:

**1. Análise da realidade:** funcionamento da CRB como organização e conteúdo de vida religiosa que a CRB promove. **2. Confronto das prioridades** constatadas com a programação da Regional ou da Nacional. **3. Funcionamento administrativo da CRB.** **4. Possíveis temas para a Assembléia Geral da CRB, em 1977.** **5. Objetivos e dinâmica de uma Assembléia Regional.**

Algumas SUGESTÕES que o grupo julgou oportunas para orientar as programações da CRB e serem operacionadas entre os religiosos do país.

**1. Reapresentação do "Marco Doutrinal" elaborado no Seminário de Planejamento em Malo de 1975.** Constatamos que a concatenação das idéias apresenta-se não muito clara. Sugerimos a reapresentação do "Marco Doutrinal" para que ele se torne um ins-

trumento pedagógico, novamente enviado às Regionais e divulgado pelas mesmas.

**2. Continuidade na linha de formação e reflexão.** Constatamos que há necessidade de crescimento permanente para uma verdadeira vivência comunitária e engajamento apostólico. Sugerimos que as programações da CRB, por séria fundamentação teológica e por métodos adequados, tenham presentes as exigências da Vida Religiosa hoje, e ajudem as pessoas e as Congregações a atingirem os seus objetivos.

**2.1.** Ante a presença cada vez maior de religiosos em cursos de nível universitário, considera-se urgente que a CRB volte sua atenção para a incidência dessa situação na Vida Religiosa.

**2.2.** Constatamos que não poucas religiosas e religiosos que assumiram **atividades profissionais** vêm a debilitar aos poucos o seu testemunho evangélico. Sugerimos a continuidade da promoção de encontros e cursos para esses religiosos com a respectiva revisão e avaliação de suas experiências.

**2.3.** Constatamos as dificuldades concretas para a participação dos religiosos (homens) nas atividades da CRB. Sugerimos maior atenção e reflexão nas programações de modo a motivar o seu interesse e facilitar-lhes a presença.

**2.4.** Tendo presente a existência de centros intercongregacionais de formação para a Vida Religiosa promovidos pela CRB (noviciados, junioratos e afins) consideramos necessário um encontro nacional e em nível de Região, das equipes diretamente responsáveis.

2.5. Que haja intercâmbio de informações, em âmbito nacional e inter-regional sobre pessoas qualificadas para as diversas assessorias.

3. **Inserção na Igreja Local.** Constatamos que certas estruturas congregacionais dificultam o engajamento apostólico, levando Congregações a um fechamento sobre si mesmas ou não preparando os Religiosos para uma inserção adequada na Pastoral. Sugerimos:

3.1. Que sejam promovidos Cursos de aprofundamento sobre a Igreja, o sentido e a missão da Vida Religiosa na Igreja, hoje.

3.2. Que se intensifique o estímulo às Congregações religiosas para aprofundarem o próprio carisma e sua missão específica na Igreja.

3.3. Que haja mais comunicação e entre-ajuda em âmbito de Regionais e Regiões, entre si e com a Nacional.

3.4. Que se promova sempre mais o diálogo entre a CRB e a CNBB para uma reflexão, um planejamento e uma ação conjunta (Cfr. 3.º Plano Bienal da CNBB no que se refere especialmente à linha VR).

4. **Formação para a consciência crítica.** Constatamos entre os Religiosos falta de conhecimento da realidade brasileira e de espírito crítico frente a ela, com conseqüente alienação. Sugerimos:

4.1. Que se incentivem estudos profundos da realidade brasileira sob os seus diversos aspectos, de modo que os religiosos tenham consciência da necessidade de sua participação ativa na promoção da justiça e na presença

comprometida junto aos mais pobres e marginalizados.

4.2. Que se apoiem os cursos de aculturação existentes: CENFI, IBRADES, COM e que a CRB esteja atenta aos novos projetos que preparam a inserção de Religiosos originários de regiões que não aquelas em que trabalham.

5. **Ação Missionária na Igreja.** Constatamos na realidade da Igreja no Brasil a distribuição desproporcional dos Religiosos no território nacional. Sugerimos:

5.1. Que se cultive nos Religiosos, sobretudo no período de formação inicial, a dimensão missionária da Igreja, onde quer que se realize a sua ação.

5.2. Que seja apoiada e incentivada a presença missionária da Igreja sobretudo nas regiões mais pobres e carentes com o espírito de entre-ajuda inter-regional e inter-congregacional.

5.3. Que se incentivem sempre mais os programas de interiorização geográfica nas várias Regionais, dedicando a CRB maior atenção às comunidades religiosas do interior.

5.4. Que a CRB estimule o trabalho missionário temporário intercongregacional desde que devidamente preparado e em comunhão com as Igrejas Particulares destinatárias.

O encontro se caracterizou por um excelente espírito fraterno e uma séria busca de sempre melhor servir à vida religiosa. Notou-se igualmente um grande dinamismo das Regionais e da Nacional em suas programações; viu-se com muito positivo o relacionamento entre CNBB e CRB e dos religiosos com a Jerarquia, nas diversas dioceses.

## Encontro Nacional de Pastoral Vocacional

Nos dias 30, 31, 1.º e 2 de fevereiro de 1976, estiveram reunidos no Rio de Janeiro, 37 representantes convidados de todos os Regionais do Brasil, da CNBB e CRB, a Equipe Nacional e o Serra Club. Em grande parte, devida à união entre as duas Conferências, notou-se um grande crescimento em termos de Pastoral Vocacional no Brasil. No entanto, a expressão desta riqueza, poderia ter sido melhor se todos os representantes estivessem mais bem preparados.

O Encontro de 1972 lançou boas sementes. O de 1974 apoiando-se sobre as conclusões do Congresso Mundial de Roma, o trabalho de DEVYM (CELAM) e de vários regionais e dioceses, permitiu a elaboração de conclusões que foram publicadas no livro 5, da coleção CNBB. Estes estudos contêm as pesquisas feitas nas Congregações pela CRB.

A metodologia dinâmica da coordenação do Encontro facilitou ativa participação das diversas pessoas presentes. A procura em comum permitiu uma elaboração renovada dos critérios e linhas de ação deixando os participantes numa atitude de esperança fundada. Há um otimismo qualitativo diante dos esforços feitos no campo da Pastoral Vocacional, com inúmeras e diversificadas experiências, particularmente em relação à juventude e aos que já fizeram opção, experiências essas definidas em seus objetivos e atuando verdadeiramente como promotoras de vocações. Num esforço de reflexão e

atualização das Diretrizes, procurou-se localizar melhor as orientações em íntima conexão com as Prioridades Nacionais, particularmente a de Comunidades Eclesiais de Base e Pastoral Familiar.

Como conclusão, foram reassumidas as diretrizes e linhas de ação evangelizadora e promotora das Vocações inerente às Comunidades Eclesiais de Base e à Pastoral Familiar. Destacou-se a importância de se aprimorar a organização de Equipes Vocacionais nos níveis regional e diocesano. Por fim, salientou-se o clima de oração como absolutamente importante para todo e qualquer êxito no trabalho a ser desenvolvido e aperfeiçoado.

## Crítérios teológicos pastorais

### I. Evangelização e Missão

1. A inspiração básica para o crescimento das Comunidades está na Palavra de Deus que ilumina a realidade e nos liberta através de uma visão crítica da realidade e dos valores suscitados pelo mundo de hoje.

2. Tal ação evangelizadora da Igreja deve levar a todos e a cada um a realizar sua vocação em comunidade.

3. Os diferentes ministérios, carismas e serviços suscitados pelo Espírito Santo, por esta ação libertadora, são anúncio, denúncia e testemunho da própria ação profética de Cristo.

### II. Encarnação e Libertação

1. A grande vocação do homem como pessoa, considerado em sua globalidade, é a vida e vida plena.

2. A dinâmica da encarnação exige da Igreja e da sua ação pastoral que assuma a realidade histórica, os valores do meio-ambiente e dê especial atenção às situações em profundas mudanças.

3. A missão da Igreja é presença e ação libertadora da situação de pecado.

### III. Comunidade

1. A Igreja realizando a evangelização libertadora, fruto da presença do Espírito Santo, preocupa-se com a comunidade viva onde cada qual descobre seus ministérios e os carismas que gratuitamente anunciam o Evangelho, celebram a Comunhão e libertam os irmãos.

2. Na realidade de nosso esforço pastoral, as CEBs são uma prioridade. Neste esforço, o cultivo das vocações é estímulo para a continuidade dessas experiências, como ambiente normal de seu amadurecimento.

3. O cultivo das vocações provoca um esforço de suscitar formas na vivência comunitária.

### IV. Corresponsabilidade

1. A pluralidade do surgimento de ministérios, serviços e carismas, na Comunidade e a realização dos mesmos manifesta a unidade e o assumir comum da Igreja.

2. A Pastoral Vocacional toma o seu verdadeiro sentido desde que esteja inserida neste contexto.

### V. O Clima de Oração

O clima de oração é necessário não só como alimento para a Integração da

comunidade mas também para o amadurecimento da opção daqueles que buscam consagrar-se em função da Comunidade.

### Linhas de ação

#### I. Pastoral Vocacional e Prioridades Nacionais

Reassumindo diretrizes e linhas de ação dos Encontros Vocacionais da CNBB/CRB de 1972 e 1974, enfatizamos:

1. a) Dimensionar a Pastoral Vocacional dentro das prioridades da CNBB quais sejam: CEB, Pastoral Familiar, Religiosidade Popular e Pastoral dos Grupos de Influência mais especificamente. b) Destacar que as Comunidades Eclesiais de Base, sejam territoriais, sejam ambientais, são o lugar natural da ação evangelizadora e, conseqüentemente, da pastoral vocacional.

2. Conscientizar a família de que constitui um lugar privilegiado e necessário no processo de surgimento e acompanhamento de todas as vocações.

3. Despertar e cultivar os diversos ministérios e serviços que encontram sua unidade na tríplice missão do sacerdócio de Cristo: profética, pastoral e sacerdotal.

4. Educar o vocacionado para a justiça evangélica, de modo a adquirir uma consciência crítica para discernir as situações de pecado e injustiças, superando-as por uma atitude solidária.

5. Desenvolver mais a **consciência e ação misionárias**.

6. Utilizar constante e adequadamente os Meios de Comunicação Social na Pastoral Vocacional.

7. Integrar mais a Pastoral no processo de educação da fé e da vida.

## II. Aprimorar a organização

1. Insistir num trabalho de Pastoral Vocacional coordenado e harmonioso em relação à pastoral orgânica, respeitando as realidades locais.

2. Criar, solidificar ou aprimorar as equipes regionais, diocesanas e paroquiais, tendo presente que a participação do leigo é de muita importância.

3. Aproveitar todos os momentos de reflexão — encontros e cursos promovidos pelos organismos da CNBB e CRB nacional, regionais, ou diocesanos, para divulgar os conceitos renovados da teologia e pastoral vocacional.

4. Recolocar continuamente a dimensão vocacional na catequese das diferentes idades.

5. Dar especial atenção ao cultivo dos vocacionados em vista do seu sur-

gimento e dada a sua importância como fator de amadurecimento das comunidades. O cultivo dos vocacionados supõe que eles assumam progressivamente serviços na comunidade.

6. Aprimorar os agentes da Pastoral Vocacional numa linha de aprofundamento teológico, numa metodologia adequada de ação com abertura para a realidade e num processo de contínua revisão.

7. Fomentar o intercâmbio de subsídios através dos organismos nacionais e regionais da CNBB e CRB.

## III. Clima Vocacional

1. Dar ao vocacionado um autêntico testemunho pessoal e comunitário.

2. Criar o clima básico de oração, tanto na família e na comunidade quanto no vocacionado para que responda ao apelo do Senhor na Igreja.

---

# **POBREZA EVANGÉLICA**

## **VIVIDA NO MUNDO**

### **DE HOJE**

---

---

**Frei Luís Maria Sartori, OFM**

---

**No dia em que Deus  
se revelou como o infinito  
à minha pessoa,  
só então compreendi  
e vivi o meu nada.**

Abbé Pierre

Todo tema que se refere à vida deve ser encarado dentro de uma visão **global**. Pois a vida é globalizante e globalizada. Nossa vida engloba tudo. E este tudo que é pluralista só fica globalizado sinteticamente pela simplicidade. Quanto mais cristã, quanto mais perfeita nossa vida, mais simples, sintética e globalizadora ela será. E globalizar pluralismos quer dizer viver com serenidade os extremos radicais do Evangelho. Um destes radicalismos evangélicos é a pobreza. Tanto mais radical mais difícil se torna sua vivência diante das exigências internas do Cristo e das exigências cruéis do mundo em que vivemos e que não recebeu o Cristo.

O título, pois, do tema que nos é proposto nos diz em outros termos: Como descobrir uma fórmula de vivência da pobreza radical dentro da

contingência e dos condicionamentos sociológicos e históricos de nossa sociedade. Ou ainda: não se quer resolver o problema, fugindo das estruturas massificantes e indo-se para um deserto, para uma caverna, para uma floresta, para ali viver a pobreza ou solitária ou mesmo em comunidade. Trata-se de se equacionar um **SINAL SIMPÁTICO E CONTESTATÓRIO AO MESMO TEMPO**.

**Simpático** porque necessita ser compreendido pelo nosso povo, pois, do contrário, não seria sinal. Não assinalaria realidade alguma. E **contestatório**, porque deve apresentar um **ALGO MAIS**, que, coando-se através da simpatia, apresente valores superiores aos vividos na pura ordem temporal pelos leigos. **ALGO MAIS** que, pela sua própria autenticidade de expressão, não aceite as estruturas massificantes dentro das quais se vive. E se viverá então contestando sempre. Pelo profetismo positivo da maior bondade, dos valores superiores. E pelo profetismo negativo que condena as injustiças, a mentira, o erro, o desrespeito à pessoa humana das estruturas massificantes, o roubo, a ambição.

Não é, pois, no deserto, nem nas cavernas dos montes, nem nas florestas de um mundo que ainda vive na pré-história, ou na história de milênios atrás que a pobreza deve ser vivenciada. Mas, é convivendo com pessoas que têm o "demais", ou o supérfluo, que iremos descobrir uma fórmula de viver com o "menos possível" da pobreza evangélica. Ser "sal" é contentar-se com este menos possível de bens terrenos porque se saboreia o Bem Abso-

luto. E será sal "da terra" se tal vivência for sinal encarnado em inspiradas fórmulas de autenticidade e de contestação bem dentro da dinâmica de uma sociedade economista, psicologista, repleta de instrumentos de auto-segurança, rodeada de Institutos de Previdência; gastando forças para garantir tais forças.

Dentro deste contexto já se definem as linhas desta nossa reflexão: **1. Visão global da Pobreza Evangélica. 2. Síntese de características radicais da Sociedade Moderna que têm relação direta com a vivência desta pobreza. 3. Fórmulas concretas de viver o radicalismo evangélico da pobreza contestando simpática e contestatoriamente o materialismo da sociedade moderna.**

## **1. Visão global da pobreza evangélica**

Assim como a vida em sua globalidade encerra numerosos aspectos diferenciados mas complementares, assim a pobreza. Reduzir a pobreza evangélica a um ou a outro somente de seus aspectos é desvirtuar a realidade, é não descobrir a identidade de uma realidade complexa. Ou a vemos em seu conjunto, ou não a veremos. Só teremos a síntese verdadeira de sua identidade se tivermos noção clara das partes e do conjunto das mesmas.

Aliás, assim é tudo que é cristão. O cristão tem "algo de anjo, algo de besta" e algo de divino, se quisermos glossar Pascal. Como toda

outra realidade cristã, a pobreza tem uma radicalidade divina, uma encarnação desta realidade no homem, e uma dimensão comunitária social.

Tem um aspecto teológico, um duplo aspecto psicológico, e um aspecto sociológico. Faltando qualquer um deles, não haverá pobreza cristã evangélica. Sem o teológico, ela será uma árvore sem raiz... e isto não existe. Sem o psicológico será uma alienação ou um farisaísmo. Sem o sociológico, será um esnobismo auto-extasiante. Ou os três existem entrosados, ou nada...

### 1.1 — Aspecto teológico

É sua dimensão divina, do Verbo, do Conteúdo divino trazido pela revelação e encarnação como dom gratuito. É sua dimensão de carisma. É a sua relação com Deus. Com a Raiz. E, nesta sua relação com Deus, como se definiria a pobreza? **A nossa pobreza evangélica é a riqueza de Deus.** É o ABSOLUTO de Deus demonstrando o relativo humano e o transitório que nos envolve.

O que e como será isto, de uma maneira concreta, na vida cristã? Como que Deus absoluto fundamentará a pobreza humana? Aqui está a importância do **CONCEITO DE DEUS** que cada um de nós tem ou deve ter. Conceito não num sentido de definições teológicas dos Nomes de Deus. Não escolástica ou homericamente discutido dentro de categorias que já anulam o próprio absoluto e infinito de Deus quando pretendem introduzi-lo dentro destas mesmas categorias. Quem define

Deus dá fim em Deus. Deus é infinito porque não tem definição. Não tem limites.

Por isso conceito de Deus, conhecimento de Deus é no sentido hebraico e bíblico de "conhecer", saborear, saber, possuir, assim como um marido, conhece, possui sua esposa. Eu já "concebi", já gerei Deus dentro de mim? Ou melhor, Deus já nasceu dentro de mim? Já nasceu como um filho que me transforma em "filho de Deus"? E nascer Deus em mim, é eu viver da fé, da esperança e da caridade.

Como dizia Sto. Afonso de Ligouri: "tanto vale nossa vida cristã quanto valer em nós o conceito que fazemos de Deus". Se Deus para mim já é um **ALGUÉM MAIS**, saboreado... Se Deus vai se tornando o **TUDO** de minha vida... Tudo como objetivo de meus afetos, de meus pensamentos... Tudo como fonte de minhas forças, inspirações e criatividades... Tudo como o meu horizonte perdido da Grande Promessa.

Tanto quanto Deus me esvazia com o **SEU TUDO**, tanto mais ele revelará a meus olhos o **NADA DO MEU EU**. Tanto quanto eu aceito e vivo este esvaziamento do meu eu, diante do **TUDO ABSOLUTO** de Deus, tanto mais terá raízes de pobreza em mim. A minha pobreza é a riqueza de Deus. Deus só me encherá se eu me esvaziar, ou for esvaziado por Ele.

Daí a profunda e radical ligação entre a oração e a pobreza. Ou a nossa pobreza nasce de um encontro habitual e sempre renovado do Tudo

globalizante de Deus, ou não teremos pobreza cristã. Quem não alimenta sua fé, esperança e caridade pela oração, alimentará o seu eu com as fumaças da inteligência, com as veleidades da vontade, com as cascas e bagaços do sentimentalismo ou das sensações ofuscantes.

É necessário termos dito de alguma forma como Francisco de Assis: — “Meu Deus e meu Tudo”, para compreendermos o começo, a raiz da verdadeira pobreza.

É necessário termos vivido de alguma forma aquela expressão do Abbé Pierre dos “pobres de Paris”: “No dia em que Deus se revelou como o INFINITO à minha pessoa, só então compreendi e vivi o meu nada”. Esta experiência pessoal de um Deus Absoluto que nos esvazia, que mostra a nossa grandeza de sermos amados por um Infinito, sendo nós tirados do Nada por Ele, é indispensável à autenticidade da Pobreza.

Aliado a esta **kenosis**, a esta exinanição de nosso ser, deve ainda acontecer o encontro com o infinito AMOR de Deus que, sendo Pai é PROVIDÊNCIA.

O esvaziamento que o Tudo de Deus nos faz, não deve permanecer na estática. Vivido dentro de um AMOR INFINITO ele adquire o aspecto dinâmico de confiança. “Pensa em mim e EU pensarei em ti” é uma frase que sintetiza a pobreza dinâmica da confiança. Se sou NADA, mas o TUDO de Deus me ama, resta-me confiar. “Cuida de mim e eu cuidarei de ti”, Santa Catarina de Sena ouviu de Cristo. O pobre do Evangelho também ou-

viu isto. Como no resto de toda a vida cristã, Deus é a alma, é o sopro, é o sentido de tudo, também na pobreza. Ou Deus nos está esvaziando interiormente, ou a nossa pobreza é falsa.

## 1.2 — Aspecto psicológico

O fundamento teológico da pobreza, o ABSOLUTO DE DEUS que nos esvazia e nos revela o nosso NADA deve realmente se encarnar em nós.

Esta encarnação, esta apropriação pessoal do nosso Nada, do nosso Silêncio pelo Tudo de Deus e pela sua Palavra, influencia profundamente os hábitos de pensamento, de decisão, de atitude e comportamento. Alguém que está convencido de seu nada, alguém que é realmente humilde tem de fato uma dinâmica psicológica bem diferente de quem é orgulhoso ou egoísta e tem sua vida centrada demasiado em si mesmo.

Dentro desta dinâmica psicológica, a presença do teológico apresenta duas dimensões: a dimensão de pressão e a dimensão de expressão. Ou em outros termos, a dimensão interior e a exterior. **A esfera do Ser** — Relação consigo mesmo, Pobreza interior, Humildade de espírito. Dimensão espiritual.

O esvaziamento causado pelo INFINITO ABSOLUTO de Deus ao nos colocar na radicalidade de nosso relativo, atinge nossa consciência e nossas convicções a respeito de nosso próprio SER. NADA SER por nós mesmos, gratuidade total em nossa existência nos dá base ga-

rantida para nos convenceremos a nós mesmos que devemos ter em nosso conceito sobre nós, e no trato para com nosso próprio eu, o desejo de ocupar sempre o último lugar.

Ultimo lugar no Ser, conceito esvaziante, humilhante, instalado nas mais profundas raízes de nossa inteligência deve nos levar e nos conservar na Pobreza Interior ou na Humildade de Espírito.

Sem a habitual presença de Deus pela oração, dificilmente nosso espírito se conservará na verdade sobre nosso próprio eu. Atingidos que fomos pelo pecado original, nosso espírito é levado desregradamente a se valorizar, acima da realidade, fora da verdade. O Tudo Absoluto de Deus, o Infinito da Trindade, visível só no escuro, audível somente no silêncio, plenificante somente no nosso vazio, é condição e é causa de nossa pobreza interior de espírito. O despojamento interno de nosso eu só se faz pela operação Oração, pela Operação Deus Absoluto, mediante o bisturi relativizante da nossa realidade mais íntima e radical.

Nesta primeira e prioritária etapa de encarnação, a questão gira em torno do SER. Ser NADA em relação ao Tudo de Deus. Ocupar o Último Lugar na linha do Ser entre todos os seres humanos: eis o que é a pobreza interior, a humildade de espírito. Fundada na luz clara e radicalmente comprovante do encontro com o Infinito de Deus, uma tal pobreza interior autoriza-nos a ocupar de fato o último lugar no SER. E não será um papaguear farisaico se chegarmos à convicção e à afirmação pública de que real-

mente somos o último. Pois tal Luz divina nos mostrará o acervo de graças dadas à nossa pessoa bem como o acúmulo de infidelidades nossas a esta mesma bondade de Deus.

Esta é a pobreza que nos fará pressão. Pressão para não termos de nós conceitos falsos ou elevados demais. Pressão que nos atrai como a força da gravidade, sempre para baixo, para a terra, para o humus, para o homem, para a humildade que somos, para nosso tamanho e peso reais. Pressão da VERDADE. Pressão radical pois coloca as raízes de nosso ser em contacto com a RAIZ destas mesmas raízes. Pressão que deve vencer a pressão da mentira, da vaidade, do orgulho, dos elogios, das ilusões, das pretensões descabidas, das falsidades aceitas, das máscaras que vestimos, das tapeações à nossa própria consciência. Pressão que, ao mesmo tempo, é alegria, é paz, é tranqüilidade do encontro da verdade e da última raiz. Pressão que é criatividade e riqueza, porque a pessoa libertada de si é canal de inspirações. Pressão que, embora tendo vigor para acusar o erro num profetismo negativo e reformar situações, prefere porém, num profetismo positivo, renovar aquilo que é bom, construir pelo amor, voltar às origens com renovada confiança e em dimensões sempre mais amplas.

**A esfera do TER** — A Pobreza externa — A humildade de coração e de posse. Relação com as coisas.

No homem o ser e o ter andam de mãos dadas. Porque o homem faz parte do cosmos. Porque ele é um ser ubicado, situado em e den-

tro do Cosmos. Porque ele não está no Cosmos, mas é cosmos. Porque ele não tem uma alma, mas é alma. O homem vive e convive com coisas. Ele não é só coisa porque tem um espírito, porque é Pessoa. Mas ele chega a ser coisificado porque tem um parentesco com as coisas. Isto porque ele é matéria **também**. Por tudo isto, no homem normal, ou a caminho da normalização, do equilíbrio e da santidade, não existe pressão sem ex-pressão.

O SER dele, conscientizado, vivido à luz da Verdade, sugando tal verdade na **RAIZ** de suas raízes, necessariamente deve ex-pressar, deve manifestar em seus gestos, em suas ações, em seu comportamento prático aquilo que de atitude tem firmado em sua mente.

Pois, de fato, não existe interior e exterior no homem. O esquartejamento em que muitos de nós vivemos é um erro que não corresponde à realidade original desejada e planejada pelo Senhor. É um fato, mas não uma verdade. É um erro e todo erro é uma mentira, é um não-ser, é a negação do Ser. O homem autêntico, libertado pela ressurreição do Cristo, é um homem íntegro, ou que já conquistou a integração daquilo que em si é uno mas que o pecado dividiu em partes.

Daí, quando o **POBRE** no SER, o Humilde de espírito, entra na fase dinâmica da prática necessária e indispensável à sua essência ele quer ex-pressar aquela pressão interna, espiritual, na sua esfera manifestativa, sensorial, física, material, cor-

poral. E o que ele teme, ele que conquistou a duras provas o seu **último lugar no ser**, o que ele mais teme é começar a **SER DONO!** Como é muito difícil ao homem permanecer no seu **NADA**, é contínua e forte a tentação de fugir do Nada **SER** para o **TER** alguma coisa. É um jeito de ocultar a nudez do seu Nada no Ser. O Ter alguma coisa dá um apoiozinho ao espírito desnudado, esvaziado de si pela luz de Deus. O Ter alguma coisa dá uma sensaçãozinha consoladora de **SER** pelo menos dono de uma criaturinha. Pelo menos **SER PROPRIETÁRIO** de qualquer coisinha alivia a aridez do **NÃO SER**. E aqui de novo surge o perigo de outro esquartejamento: intimamente, na oração bem ambientada dentro das condições de silêncio, de recolhimento, etc. a pessoa convenceu-se de seu nada. Colocada, porém, no condicionamento consumista, materialista, etc. do mundo atual em que vive, já se sente pelo menos proprietária de algo. E isto já é **SER ALGUMA COISA** ao lado do **ÚNICO QUE É DEUS**. É o homem procurando divinizações de si, procurando eternizar-se pelos momentos fugidios de posse, e não pelo único caminho da divinização, o Cristo.

O **NÃO TER DE FATO** nada, ou ter muito pouco, ou ter o mínimo possível, sem nunca ter o supérfluo, ajuda, e muito, a vivência da humildade de espírito, do Nada Ser diante de Deus. Pois, então será a ex-pressão da pressão. E agora, uma ex-pressão diante dos homens. E se diante de Deus o pobre vive no último lugar no Ser, diante dos homens tal convicção se transforma,

se projeta, se ex-pressa na vivência do último lugar no TER, na Pobreza Exterior, na humildade de coração e de posse.

São Francisco, só depois de ter dito e vivido no íntimo de sua oração e de sua convicção a verdade do "MEU DEUS E MEU TUDO" é que se projetou numa pobreza autêntica do NÃO TER. Sua convicção interior de NÃO SER, ou de SER NADA diante de Deus, se projetou pelo desejo de dar continuidade a este NÃO SER na esfera exterior, diante dos homens, pelo querer NÃO SER PROPRIETÁRIO. No momento em que ele se apossasse de alguma coisinha sequer ele já iria desmentir o seu NADA, o seu NÃO SER, pois começaria a SER proprietário.

Daí o cuidado e o trabalho contínuo do pobre se vigiar para ver se não está perdendo sua liberdade interior conquistada pelo seu NÃO SER, mediante a posse, o domínio, o apego a criaturas que o aprisionarão à mentira do Ser Proprietário. Não que as coisas em si possuam alguma maldade. Ao contrário, a maldade está na captatividade do eu humano desviado, possessivo e egoísta.

Não que o pobre não possa ou não consiga usar das criaturas sem o desapego e com a liberdade própria de ressuscitado pela liberdade que Cristo nos concedeu. Não que não se possa defender no âmbito social o afamado direito de propriedade. De fato, mesmo diante de Deus, tal direito deveria ser reformulado como direito de administrar, pois proprietário é só Deus.

Mas há realmente um fato infugível que como um leão ronda a sua presa esperando o momento de devorá-lo. É a contínua perseguição que nos faz a tentação de posse, de ser algo mais do que de fato somos, mesmo que seja pelo recurso de ser proprietário. A falta habitual e concreta de algo necessário para nossa vidinha diária pode bem conservar-nos na humildade de alguém que não tem aqui cidade permanente e de alguém que depende, que precisa, que não é completo sozinho, que não se realiza no TER.

Esta Pobreza no TER é a expressão da pressão da pobreza no SER. Ela revela a humildade de coração e inicia a humildade de posse. Ou seja a aceitação concreta da situação de dependência, do último lugar no Ter. Pois realmente, o fato de TER leva o possuidor à comparação com quem NÃO TEM. Comparação que o faz sentir-se MAIS do que quem não tem. Se você passa dirigindo um Maverick diante de um outro que anda de Jeep, você naturalmente faz uma comparação e se sente MAIS do que o proprietário do Jeep, mesmo que você não seja o dono do Maverick e o esteja dirigindo por acaso. É a eterna imaturidade humana, sempre predisposta a se enganar, a fugir da pobreza do SER com a riqueza do TER.

Aceitar-se na pobreza de NÃO TER supõe uma aceitação prévia de NÃO SER. São dois componentes de uma só realidade. A realidade do homem diante de Deus. A realidade da pobreza da criatura diante da Absoluta Originalidade fontal de Deus. Poderíamos ainda incluir aqui como fazendo parte do TER,

a posse do Saber e do Poder. Aquele saber que não é saber da Sabedoria, de sabor, e que se reduz ao saber científico, pode facilmente “subir à cabeça” e fazer seu possuidor se sentir um SER superior esquecido do seu Nada.

Mais perigoso ainda é a posse do PODER. Ter PODER é a forma mais perigosa de falsear o SER NADA da criatura humana. Aquele que TEM PODER se sente fonte a tal ponto de se sentir autoridade, autor, aquele que gera, aquele que aumenta. Ao portador de tal autoridade é bom recordar que ele é só instrumento nas Mãos DAQUELE ÚNICO que gera, que cria, que é realmente autor. Pois nada há que procure tão falsamente e tão insuficientemente divinizar o homem como o TER PODER.

E isto não só fora do contexto eclesial, mas em qualquer contexto, também dentro da Igreja. Daqueles que se mascaram com os seus cargos de coordenadores, de secretários, de provinciais, de conselheiros, de bispos, de guardiães, de capelães, de professores catedráticos, de tesozeiros de associações, de vestidor de uma opa, de desfrutador de distinções de local especial e outras tantas bobagenzinhas reveladoras de nossa imaturidade clerical e religiosa.

### 1.3 — Aspecto sociológico

A esfera do Fazer, do Viver, do Aparecer — Humildade de vida. Pobreza comunitária como sinal. Relação com os outros. Inserção no Mundo. O homem não nasceu para

viver, mas para conviver. E na convivência ele atinge a esfera comunitária e a esfera social. O voto de castidade, ou de virgindade, ou como o chamamos nós de amizade virginal e uma vida de oração nos relaciona **verticalmente numa consagração a Deus.**

O voto de obediência a um espírito comum nos une entre nós pela qualidade específica de religiosos. E, enfim, o voto de POBREZA é o voto comunitário, por excelência, é o fraternismo colocado em ação, é a atitude de serviço, de diaconia, é a circulação dos dons, é o não-aprisionamento para si das graças e das posses pessoais. É o “servir a” contra o “servir-se de”. Atingimos agora a esfera dos “outros” ...

Quem se esvaziou com o seu SER-NADA e enche-se cada vez mais da Plenitude Absoluta do Deus que é TUDO, quer transmitir, quer comunicar aos outros a alegria desta riqueza. E comunicar tal riqueza é FAZER, é APARECER, é VIVER. É o momento máximo da dinâmica da pobreza. É a culminância da expressão da pressão. É o momento máximo da exigência de autenticidade de nossa pobreza interior, pessoal, vivida dentro de nós, em relação com Deus, conosco mesmos, com as coisas. É a exigência que os “outros” vão nos fazer. E é aí, no palco da comunidade e do social que iremos verificar se somos uns “palhaços que vivem uma comédia” de pobreza.

É no despojar-nos de nossa fama, de nosso poder, de nosso saber, de nossas facilidades e posses, diante dos outros que iremos testar se acei-

tamos realmente viver nosso NADA. E se vivemos acreditando mesmo na ação da Providência.

Grande função têm os outros em nossa vida. Como “Cristos” que são. Como “banqueiros” da Providência. Como sujeitos e alvos de nosso serviço, de nossa diaconia, de nossa abertura. Estes “outros” nos rodeiam em dois círculos: o comunitário e o social. “Eles” correspondem, co-respondem a uma necessidade interna nossa, a um apelo que vem de nossa natureza de seres humanos e de cristãos.

Con-viver é uma necessidade de nosso viver. Só viveremos de fato alguma virtude evangélica se nós a praticarmos em nossa convivência comunitária e social. O artista de teatro ou de ópera se comprova não é nos ensaios, mas é no palco, quando entra em cena. Quando enfrenta os aplausos ou os tomates e ovos podres. A convivência com as diferenças dos outros é que nos dará nossa identidade. O grau de nossa convivência pode ser a medida de nossa capacidade de viver a solidão. Solidão é pobreza, se é bem aceita por nós em seu dinamismo despojador, nos prepara para a solidariedade. Solidário, só quem sabe ser solitário. Solitário autêntico só quem sabe ser solidário.

E pobreza no APARECER, no FAZER e no VIVER quando vivida no âmbito **comunitário**, representa muita renúncia, muita doação, muito serviço. Deixar os outros fazerem aquilo que sabemos e gostamos de fazer. Colocar numa “caixa comum” o dinheirinho que merecemos com o nosso talento e esforço pessoal.

Não controlar eu mesmo aquilo que “seria MEU”. Ver os outros usarem como realmente deles aquilo que nos foi dado por este ou qualquer outro motivo. Tudo isto é fraternismo.

Tudo isto é abertura de serviço não remunerado. Ver os outros perderem, — com culpa ou sem culpa, não vem agora ao caso — coisas, livros, roupas, objetos, etc . . . que eram de nosso uso pessoal . . . e responder-lhes sinceramente: “Ora, deixa pra lá . . .” “É bom até que, às vezes, Deus nos alivie destes “trens . . .” Ver até com alegria os outros galgarem aqueles postos que deixamos e ter a certeza de que tal despojamento é bem melhor. . . Contemplar o sucesso dos outros e o silêncio que nos rodeia. . . E muitos outros exemplos de uma pobreza comunitária de fraternismo e de serviço! . . .

E pobreza do âmbito **social** representa aquilo que caracterizou toda a vida de Cristo: o serviço. Como a idéia de servir é realmente o divisor de águas entre o egocentrismo e o Teocentrismo! Ser cristão e acreditar em Deus e ser pagão e acreditar em si próprio somente tem como crivo de discernimento o servir. Acreditar em Cristo, Homem-Deus, é creditar-Lhe toda nossa vida a serviço de Deus e dos irmãos. É deslocar pela **conversão** o eixo de nossa vida do serviço ao próprio eu para o eixo de uma vida a serviço do outro, Deus e o irmão. E esta troca de eixo é para nós penosa e difícil. É a própria exinanição da pobreza. Tira-nos de centro e de fundamento para passarmos a ser elemento em torno de Deus e do próximo.

Disponibilidade, não ter mais para si o tempo de cada dia, não fazer mais aquilo que nossos gostos e aptidões naturais nos levariam a fazer, mas fazer aquilo que o Reino exige. Isto é viver a palavra de Jesus a São Pedro: "Quando tu eras jovem fazias o que querias; agora, porém, outro te cingirá e te levará para onde não queres." Este testemunho exigido pela sociedade não é dirigido somente à pessoa do pobre. Também à comunidade que se diz pobre e professa pobreza.

Infelizmente, se houve boa educação de mentalidades religiosas para a responsabilidade pessoal de testemunhar seus votos com a vida, infelizmente parece não ter havido muito a educação para uma responsabilidade comunitária. A comunidade como tal, como entidade, em seu conjunto, na própria realidade gerada pelo encontro de várias pessoas, também é responsável. Existe, ou deve existir o que chamamos de consciência comunitária. E nossas comunidades de pobres deveriam, por obrigação grave, dar também o testemunho comunitário de pobreza. Não adianta somente nossos conventos serem uma casa onde todos, ou quase todos possuem realmente o espírito de pobre, quando o próprio convento, Igrejas, automóveis, televisões a cores, bairro de moradia, etc., etc... dão testemunho de gente rica.

E isto por quê?

Porque nossa vida de religiosos está também a serviço da sociedade. E aqui se faz necessária a inserção no mundo. Não adianta sermos sal e muito bom sal na cozinha. Quan-

do não somos sal no refeitório. Não adianta sermos santos somente dentro dos conventos, se não salgamos o mundo com o testemunho espontâneo do sal que Cristo ou nos deu ou nos fez ser.

E inserção no mundo daquilo que não é do mundo. Inserir no temporal aquilo que é eterno. Colocar ao lado dos valores humanos os valores divinos. Dar testemunho de naturalidade no uso dos dons terrenos e de sobrenaturalidade nos nossos critérios e fundamentações. Tudo isto é ser SINAL SIMPÁTICO e CONTESTATÓRIO. Tudo isto é o próprio do religioso: ser sinal escatológico. Isto é contestar no sentido de mostrar, bem de dentro do social, o valor do celestial, do eterno, do divino que envolve, que exige, que suporta e fundamenta todo este social. Para ser sinal tem que ser simpático.

Simpático quer dizer inserido no mundo, quer dizer captável, perceptível pelo comum dos mortais. E dentro desta simpatia (**ridendo castigat mores**) a qualidade de contestatário... Quer dizer a proposta firme, decidida, convicta, vivida de um ALGO MAIS que é como a SAUDADE DO FUTURO, o Horizonte Perdido, a Esperança da Promessa que vai realmente dinamizar o homem para uma maior perfeição, não o deixando ter aqui sua cidade permanente.

O mundo, continuará, e veremos isto adiante, escorregando na casca da banana até o fundo do precipício do economismo se nós, Igreja, não dermos um tal testemunho comunitário à sociedade que a faça se

creditar aos valores cristãos. O Mundo não olhará para cima se ele não vir em luz muito clara, mais clara que a ofuscante luz da riqueza, o testemunho vivo da riqueza do Deus que é a nossa pobreza. O imanente deste mundo só acreditará no Transcendente de Deus por meio do transparente que é a pobreza. E pobreza comunitária.

#### 1.4 — Exigências essenciais da POBREZA EVANGÉLICA

Em síntese das considerações dos vários aspectos que acima fizemos, podemos descobrir neles três fins básicos que explicam toda a meada ou o novelo da pobreza:

**Escolha do ÚLTIMO LUGAR.** Já vimos acima o que é o último lugar no SER, no TER e no APARECER. Aqui gostaríamos de lembrar o dito de Charles de Foucauld: "Jesus, de tal forma se agarrou ao último lugar em toda a sua vida, que ninguém conseguiu removê-lo de lá." Último lugar em nosso conceito, último lugar no conceito de outros, último lugar no possuir as coisas . . .

**CORRER RISCO.** Não existirá pobreza para quem tem tudo garantido em todos os setores. Quem nunca correu risco não sabe o que é crer em Deus, não sabe o que é pobreza. Correr risco é a nota constante do pobre. Sem lugar fixo de moradia, circulando sempre, um Francisco de Assis era o eterno itinerante. Sem garantias para o dia de amanhã, o pobre preocupa-se com o momento de hoje. Faz imprudências aos olhos da "prudência" humana, mas que são a pru-

dência do regime dos Dons do Espírito Santo.

Correr risco humano é não correr risco diante de Deus. Porque existe uma Providência Divina que precisa de se manifestar ao mundo como o Infinito amor de Deus em sua dinâmica e cuida de nós. E riscos aqui não significa somente nem principalmente riscos no setor econômico. Quer dizer, além disto, correr riscos em nossa vida espiritual. Quer dizer, aceitar as escuridões, as securas, as perseguições, as incompreensões, as solidões, os fracassos, os problemas e as dificuldades, as fossas e as fraquezas como um caminho em Noite Escura. Caminho de Deus e que leva a Deus. Que desarma os homens, projetando em plena luz as armas que Deus usa. Dar testemunho que a Providência existe mesmo, tanto no plano econômico, quanto no plano espiritual. Eis a missão do pobre ao sinalizar escatologicamente a presença de Deus. Confiar com plena alegria no meio da escuridão e da dor. Eis a encarnação do Milagre da Pobreza.

**Diaconia do Serviço.** Abertura pessoal, comunitária e social. Disponibilidade para comunicar aquilo que se tem ou que se usa. Comunicação de dons materiais. Comunicação de dons espirituais, sem avareza e também sem vaidade. Com simplicidade reconhecer suas riquezas e suas necessidades.

Com simplicidade saber distribuir aos outros o que tem de sobra ou a mais que outros. Com simplicidade pedir auxílio e aceitar ajuda quando dela necessitar. Aliás só sabe lavar os pés de outrem quem sabe deixar

lavar os próprios. Serviço que nos faz seres para os outros pelo dom da graça do Cristo que antes de ressuscitar, morreu pelos outros.

## 2. Nossa sociedade moderna e a pobreza evangélica

A cultura, a civilização da sociedade moderna não entende a Pobreza. Nem é mesmo para entender, pois, a **POBREZA EVANGÉLICA** é mistério. O paganismo não pode entender o dom gratuito e a revelação do cristianismo, enquanto e naquilo que este é e tem de dom gratuito e total de Deus. Este paganismo hoje tem a forma de consumismo, de comodismo, de egoísmo, de competição, de despersonalização, de massificação e de coisificação. Tudo isto nasce e gera o espírito de eficiência e de produtividade.

O mundo hoje quer produção. É a cultura do Homem-Faber. Nossa sociedade pagã atual quer gozar. É o domínio do Homo-Eroticus. Daí a cultura do erotismo, dos programas requintados de turismo, de fins de semana, de diversões sofisticadas, das alegrias "fortes", da eternização dos momentos transitórios.

Nossa civilização moderna quer **garantia**. É a cultura do Homem-Castelo, do Homem-Fortaleza, do Homo-Economicus. Daí os institutos de previdência, das Caixas de Seguro, de Montepios para garantir futuro e saúde física e situação econômica. Daí as clínicas psiquiátricas e psicanalistas para garantir o equilíbrio psíquico. Daí as clínicas médicas especializadíssimas. Hoje não existe parte do homem, corpo

ou alma, que não tenha uma clínica especializada para atender... Desde a pele aos cabelos. Desde os pés até a cabeça. Desde o intestino grosso ao coração... tudo está garantido... Ninguém quer mais correr risco.

Daí a reação de uma juventude que desperta para outros valores. Juventude aqui não no sentido cronológico, etário, mas de espírito, psicológica, de mentalidade. Juventude presente também nas pessoas de muita idade que querem viver a aventura do Evangelho. Que não aceitam mais a acomodação, a instalação em que caíram todos os homens vítimas da peste do economismo.

Nossa civilização moderna quer o **poder**. Daí a cultura do Homo-Divus, do homem divino do Império Romano. E por isso as Estruturas das Instituições, as Leis rígidas, as Ditaduras, a Politicagem, os Campos de concentração, as torturas e os seqüestros, os exércitos e os poderes militares destrutivos, o autoritarismo, a cultura de massas, a comunicação e a propaganda a serviço de ideologias.

Nossa civilização moderna cultiva a **competição**. Daí o Homo-Bellicus, o homem que guerreia, que mata para ganhar o domínio sobre os outros. O Homem-competitivo que transforma a concorrência numa luta de inimizade. Que transformou a convivência social em uma acirrada luta de classes. Vivencia assim a palavra de Sto. Agostinho: "Homo, homini lupus", cada homem é um lobo para outro homem. É a perigosa situação da desconfiança gene-

ralizada. Ninguém confia em ninguém, porque ninguém merece a confiança de ninguém.

Pitrim Sorokin nos fala das passagens que aconteceram em nossas últimas épocas de um relacionamento familiar ou patriarcal, para um relacionamento contratual, para hoje estarmos dominados pelo relacionamento coercitivo. É na base do empurrão, da competição desleal, do vencer e dominar um ao outro, de um aproveitar o máximo do outro que se fazem os compromissos entre os homens nos nossos dias.

A desconfiança entre as classes, em muitos lugares já se transformou em desprezo mútuo, senão mesmo em ódio de classes que as coloca num habitual regime de luta, a ponto de um Karl Marx querer justificar até cientificamente a necessidade de uma tal luta para que haja progresso na história. Isto numa falsa interpretação da dialética da vida. Em vez de ver como o Cristo a possível dialética da semente que cai na terra, morre pelo apodrecimento para depois ressurgir na nova planta; em vez de ter a visão de Sócrates da ironia que despoja, ao lado da maiêutica que aprofunda e eleva; em vez de ver que a comparação feita por Cristo devia ser aplicada na esfera do espírito e não tomada ao pé da letra; em vez de ver a realidade do pecado que explica, justifica e até exige um tipo de luta, luta necessária mas ainda fraternal; ele, Marx, caiu na tentação de transformar o ódio em fonte de tal luta, na tentação de ver tal luta somente no prisma materialista, na tentação de colocar o trabalho acima do trabalhador.

Produção, gozo, garantia, poder, competição, são as palavras da linguagem daqueles tipos de homem que procuram em si ou só com seus recursos humanos alguma espécie de auto-divinização. São caminhos opostos aos caminhos da pobreza e da riqueza de Deus. Por isso o mundo caminha para o lado oposto da PAZ.

Imaginemos tudo isto dentro da esfera do economismo. A supremacia injusta do economismo sobre os demais valores humanos, sua presença e seu domínio sobre toda a vida moderna, aliada a todos demais erros acima nomeados, oferece ao religioso o maior dos desafios até hoje havidos para a realização do seu voto de pobreza.

Nosso mundo é um mundo que cristalizou em suas instituições e em suas estruturas jurídicas, mentais, morais, profissionais e familiares, sociais e políticas, tudo aquilo que se opõe ao espírito de pobreza que Jesus nos prega.

Como então sinalizar a Riqueza do Deus encarnado por meio da pobreza, sendo sinal simpático a este mundo que antipatiza com o Evangelho, e sendo sinal contestatório, afirmando um ALGO MAIS a este mundo cada vez mais satisfeito consigo e cada vez mais procurando tal satisfação?!

### **3. Tentativas de vivência evangélica da pobreza no nosso Mundo**

Não vamos repetir aqui as razões pelas quais o consagrado pelo voto de pobreza deve pessoalmente assu-

mir a radicalidade dela. Já ficaram acima as motivações para isto. É claro que é uma conclusão evidente de tais motivações, a necessidade de uma sobriedade em tudo que tal pobre deve usar: roupas, alimentos, moradias, transportes . . . Entrar em detalhes seria tirar a espontaneidade das inspirações tidas aos pés do Senhor Absoluto e Infinito Amor.

Uma coisa, porém, poderíamos especificar, já em outra dimensão. Que nossa pobreza seja comunitária. Que cheguemos a formar uma comunidade de religiosos que queiram, realmente em comum, viver tal pobreza. O testemunho pessoal é condição para este comunitário. É prévio e prioritário. Mas se for muito simpático aos que o observam e o admiram, não será tão contestatório à sociedade moderna.

Quando é uma comunidade, pequena comunidade, que vive tal pobreza, a contestação, o apontar para o alto, a apresentar a realidade de valores eternos é muito mais eloquente, muito mais autêntica, muito mais serena e eficiente. Que nossa pobreza possível seja unida a uma Comunidade de Base.

Aqui entra a nossa habitual vivência apostólica. Nascemos para servir. E servir aos outros, nos comprometendo com eles até nestes detalhes da vidinha diária. Por exemplo, por que não aceitarmos que casais de nossas comunidades de base, que querem e até insistem, lavem nossas roupas?

Por que não fazer o que recomendam as novas Constituições dos Frades Menores: que nossas casas além de modestas e pobres pertencam

àqueles a quem damos nossos serviços pastorais? É claro, supõe-se logo que nada exigimos deles em matéria de "pagamento" em moeda pela assistência espiritual que lhe damos. Se existe um dízimo paroquial, que chega a ser até todinho organizado, sem deixar de ser voluntário, pode e deve haver também um dízimo "ambiental" para quem não vive em paróquias territoriais, e que até pode ser, além de voluntário, sem organização alguma . . .

E claro que nós pobres precisamos de médicos . . . Daí o IPREC como uma fórmula dita própria de pobres . . . Mas, se vivemos realmente entrosados em nosso apostolado bem diversificado, pode dar-se o caso em que médicos de nossos movimentos façam questão de nos atender e que a gente viva sem nunca precisar de IPREC, etc. . . É claro que isto não pode ser desvirtuado em abusivo aproveitamento de vagabundos usando o clericalismo como gazua de abrir e forçar as portas. Se trabalhamos mesmo, se damos duro o dia inteiro sem jamais exigirmos nem espórtulas de missas, nem de batizados, nem de conferências, nem de qualquer serviço prestado, tenhamos a certeza de que nossos fiéis mesmo sem se sentirem obrigados, espontaneamente irão ter a atitude de cuidar de nossas necessidades com prazer e honra em nos servir.

Aliás, se realmente "damos tudo" em nosso trabalho apostólico de servir, seria um direito nosso, como recomenda o Poverello de Assis, "recorrer à mesa do Senhor", ou seja, à esmola. Mas que tal, pedir esmola seja simpático e contestatório. Não

como vi várias vezes nas barcas que viajam de Nápoles a Cápri: frades de hábito, com uma caixinha de madeira na mão, chacoalhando as moedinhas já postas, a pedir o dia inteiro uma esmolinha pelo amor de Deus . . . Eu me perguntava, se todo aquele dia inteiro de pedir esmolas, não deveria ser transformado em um dia inteiro de trabalho produtivo. . . É a forma que se faz anti-pática ao homem de hoje que vive numa época de trabalho. Não será mais simpática e não menos contestatória a forma de pedir isto ou aquilo conforme o caso aparece? — “Senhor doutor, o senhor não quer me convidar para almoçar hoje em sua casa?” Sem ser senvergonhice, um tal pedido depende do grau de intimidade apostólica que se tem com o doutor . . .

Dizem, e com razão, que isto pode deixar os religiosos sem saber valorizar devidamente as dificuldades da conquista do sustento, do salário, da luta pela vida aqui nesta terra. Tudo depende se tais pobres “dão o duro” no seu setor, não são acomodados e uns instalados, não são uns parasitas que vivem como numa “pensão de solteirões”, se eles não recebem fácil só de organização de espórtulas e dízimos o seu sustento, se realmente vivem o risco de confiarem na Providência e nos “banqueiros de Deus”, então eles saberão tanto valorizar o esforço do leigo, como valorizar o seu próprio trabalho.

Outra fórmula sugerida por um Documento intitulado “Nossa Ordem Hoje” dos Frades Menores reza assim: “Que os frades voltem ao costume das origens de trabalharem

profissionalmente”... mas como que temendo a mentalidade economista que invade também conventos e a ingenuidade de uma aceitação do status quo da situação política, acrescenta — “Não com a intenção de lucrar riquezas e sem aceitar as estruturas massificantes, mas com a intenção de dar o testemunho e de fazer o apostolado”.

Eis aí uma pista de prática da pobreza. Trabalhar profissionalmente com a intenção apostólica justamente dirigida, e quem sabe até já iniciada, de reformar as estruturas massificantes da empresa em que se vai trabalhar.

Daí se vê a ligação dos campos. O apostólico atinge o âmbito social. O profissional, além de comprometer a pessoa do pobre que trabalha, liga-o na comunidade de base que melhor base tem para ser comunidade que é a comunidade de trabalho, a empresa.

A não aceitação das estruturas massificantes é não se estabilizar num só trabalho profissional, é contestar tal estrutura positivamente propondo dentro da empresa em que se trabalha a fraternização de toda a organização da empresa. É conscientizar, mentalizar, atuar e reformar fazendo com que o trabalho e não a economia seja o fundamento para a organização empresarial. O que significa que todo o homem que trabalha, porque trabalha, tenha sua Voz com Vez de Voto. E voto consultivo em alguns setores e deliberativo noutros, participando assim da vida interna da empresa, num regime de justiça e libertação.

Claro que esteja ainda que tal profissionalização não é necessária nem para o sustento, nem para a necessária identificação tão boa para a aproximação apostólica. A nós nos parece bastar a identificação sociológica, ou seja, uma vida ao "rés-do-chão", com casinha em bairros pobres e periféricos, com desempenho de trabalhos domésticos comuns aos pobres, etc. . . .

Testemunho sofrido de pobreza também será a gente trabalhar como um condenado no trabalho apostólico, ter 28 horas por dia de traba-

lho e não receber o tal reconhecimento econômico, a valorização economista que hoje impera nas mentalidades: "tanto vale o homem quanto recebe em dinheiro".

Trabalhar como relógio, sempre de graça, é sofrer um pouco da solidão e do desprezo que o mundo vota aos que nada ganham, ou ganham pouco.

A Solidão da incompreensão também é pobreza. Viver um tipo de vida que não consta nas categorias do pensamento moderno economista é ser pobre do Evangelho.

---

# A MISSÃO DA RELIGIOSA HOJE

---

**Dom' Eduardo Pirônio**  
Ex-Presidente do CELAM  
Prefeito da Sagrada Congregação  
para os Religiosos e Institutos Seculares.

Há uma palavra que define Deus em sua relação de aliança com os homens: **fidelidade**. Esta mesma palavra conceitua a essência de nosso compromisso com Deus. Deus é fiel. Está sempre presente. Sempre atuando na histórica. Não desvia dos homens os seus favores. A encarnação de Cristo, sua morte e ressurreição constituem o ápice da promessa. Cristo é o sim e o amém do Pai (2 Cor 1, 18-20).

Os homens sempre arriscaram abusar da fidelidade de Deus multiplicando suas infidelidades. É o perigoso jogo de sua liberdade. O pecado é sempre uma ruptura da aliança, uma recusa ao amor, uma volta aos deuses fabricados por nossas próprias mãos. Afinal, uma volta a nós mesmos que nos constituímos o grande ídolo que se contrapõe a Deus desde o paraíso terrestre.

A encarnação, o grande sinal da graça e da fidelidade de Deus (Jo

1, 14) é também o começo e a expressão da fidelidade dos homens. Cristo é a testemunha fiel (Apc 1, 5). Cristo não é somente o amém do Pai. É ainda o amém da humanidade redimida. Por ele todos temos acesso ao Pai na unidade do Espírito (Ef 2, 18).

A obediência extrema de Cristo até a morte de cruz (Flp 2, 8) não é apenas sinal de amor e submissão ao Pai (e o começo de sua glorificação) é também a expressão e a síntese da conversão dos homens, de seu regresso ou de sua volta a Deus na fidelidade. Por isso na plenitude dos tempos, Deus exige de uma mulher, para realizar a encarnação da palavra fiel, uma atitude muito simples, muito profunda, muito essencial. Exige fidelidade. Maria se revela, nos inícios da economia da salvação, como a Virgem fiel. A Virgem que diz sim generosamente a Deus. A Virgem que abraça a vontade salvífica na obe-

diência e na fé. A Virgem que recebe no coração não adulterado e em sua carne virginal a Palavra e a dá ao mundo (L G, 56 e 63).

Sendo assim nos perguntamos:

Qual a razão de nossa felicidade? Qual a explicação para este estado de serenidade? O que nos pede Deus nesta hora histórica de sua Igreja? Que exige o Espírito Santo das almas consagradas na vida religiosa? Que cada um seja singelamente fiel. Creia na fidelidade de Deus e comprometa generosamente sua fidelidade. Cada um garanta, com o testemunho pascal de sua vida, a fidelidade dos homens que o observam.

A grande tentação de hoje, nossa grande desdita, é a infidelidade. A tentação e o perigo da religiosa hoje é deixar de ser fiel à sua vocação divina, à sua missão específica na Igreja, ao chamado original de Deus para a sua vida. Pergunta-se, então, sobre o sentido da vida religiosa, sobre a validade da consagração definitiva, sobre a oportunidade de sua separação do mundo, sobre a significação de sua pobreza, de sua castidade, de sua obediência, sobre a conveniência de uma vida comunitária, sobre a eficácia de determinada Congregação, etc.

A renovação da Igreja nos colocou frontalmente com o evangelho. A situação dramática do continente, a valorização das coisas temporais, nos colocou frente a frente com os homens, com o mundo. Que fazeremos? Deus nos convoca de uma maneira nova? Vamos ser fiéis ao

evangelho? Precisamos ser fiéis à Igreja? É preciso ser fiel aos homens? Como continuar sendo fiéis à própria Congregação? Onde está hoje a fidelidade? O que o Senhor nos pede pela voz da Igreja?

São perguntas assim que levantam hoje as religiosas de nosso continente, sobretudo as mais jovens em sua generosa impaciência, como igualmente as adultas em sua insegurança e incerteza, como anelo profundo de serem fiéis ao Espírito. Sua fidelidade sente-se pressionada, distorcida e em crise. A solução está na volta à originalidade alegre e única de sua consagração. Mas esta solução exige ainda que toda a Congregação se ponha em atitude e em clima de absoluta fidelidade ao evangelho, ao mundo, à Igreja. Ou seja, fidelidade à única palavra de Deus que se lê na singeleza da Escritura, nas exigências renovadoras da Igreja, na interpretação dos sinais dos tempos.

O Espírito de Deus falou aos religiosos no Concílio Vaticano II e em Medellín. Aí estão os documentos. É preciso aprofundá-los e comprometer-se. A fidelidade a Deus na vida religiosa não será mais que a resposta ao que neles está indicado. Concretamente poderíamos elencar três pontos que o Espírito está pedindo à religiosa hoje na América Latina:

1. Fidelidade à sua consagração.
2. Fidelidade à comunhão eclesial.
3. Fidelidade à realidade global latino-americana.

## 1. Fidelidade à sua consagração

O que, por primeiro, o Espírito Santo pede aos religiosos latino-americanos é que vivam profundamente e com renovada fidelidade a alegria de sua consagração. Que sejam, antes de tudo, testemunhas dos bens invisíveis, profetas do reino antecipado, sinais da santidade da Igreja. A autenticidade de sua renovação está na linha de sua conversão e de sua identidade com Jesus Cristo e não na linha das mudanças superficiais ou de sua conformidade com o mundo. Continuam válidas as exigências de Cristo. "Se queres ser perfeito vai e vende quanto tens, dá-o aos pobres. Vem e segue-me" Mt 19, 21. E também: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo. Tome cada dia sua cruz e me siga" Lc 9, 23-24.

A consagração religiosa é, antes de tudo, uma afirmação de Deus. Deus é o único que vale. O único que importa. Em primeiro lugar "o reino de Deus e sua justiça" Mt 6, 33. A atitude fundamental de Jesus Cristo foi buscar a glória do Pai, realizando sua vontade na completa redenção dos homens. Por isso, a consagração religiosa é uma plena e alegre imolação a Deus, uma completa e exclusiva dedicação a seu serviço, uma oferenda total de si mesmo ao Pai na generosidade e alegria de um sacrifício.

A consagração importa uma separação do mundo. Não como fuga evasão ou medo. Muito menos como negação, indiferença ou desprezo. A consagração supõe uma afirmação profunda dos bens tempo-

rais e uma visão otimista da criação. A criação em Cristo, pelo dom do Espírito Santo, supõe a bontade das coisas e do homem. Somente aqueles que têm capacidade para valorizar e amar o mundo, como obra de Deus e cenário da história da salvação, poderão compreender e viver à fundo o sentido de sua oferenda total da vida religiosa.

Esta mesma consagração prova aos homens, o relativo da história, a ambiguidade deste mundo ferido pelo pecado, a exigência de uma nova criação. Por isso mesmo, o religioso, abstraindo-se de um sentido de superioridade ou de suficiência, manifesta ao mundo como precisa ser este novo mundo, criado na justiça e santidade verdadeiras (Ef 4, 24).

A consagração religiosa completa e expressa a fundamental consagração a Deus do batismo. Incorporados à morte e à ressurreição de Jesus Cristo (Rom 6, 3), ungi-dos pelo Espírito Santo, regenerados por uma esperança viva (1 Pdr 1, 3) todos os cristãos são convocados a se constituírem sinais do Senhor ressuscitado, manifestação do eterno. Mas os religiosos, de maneira específica, têm que expressar com suas vidas que o Reino de Deus já chegou (Lc 11, 20), que já nos foi comunicada a vida eterna (Jo 5, 24). O que importa é a vida oculta em Deus enquanto aguardamos a suprema manifestação de Cristo, nossa vida (Col 3, 1-4).

Testemunha dos bens invisíveis, frente à beleza, à atração e aos va-

lores do visível, o religioso proclama a realidade superior da graça, do dom do Espírito Santo, da vida nova em Cristo ressuscitado. Profeta do reino antecipado, o religioso anuncia aos homens, fortemente tentados de instalar-se nas coisas temporais, que a salvação já foi dada aos homens por Jesus Cristo, embora aguardamos a sua consumação e que a libertação plena dos homens se verificará na escatologia. Sabe valorizar o tempo e a história, como momento e cenário da ação salvífica de Deus. Anuncia, porém, que a plenitude se dará na criação dos céus novos e da nova terra.

Sinal da santidade da Igreja, o religioso manifesta em sua vida que a Igreja é o mistério de Cristo prolongado na história, comunicado incessantemente aos homens, e que todos os cristãos devem expressar em sua vida cotidiana a presença do Senhor ressuscitado, o verdadeiro homem novo (Ef 2, 15) e tender à sua vocação fundamental de santidade, de caridade.

Nesta linha de afirmação positiva dos valores e da dedicação ao Senhor da História, devem viver os religiosos as exigências da pobreza, da castidade e da obediência. A pobreza como desprendimento efetivo das coisas para serviço dos irmãos. A pobreza como despojamento pleno de si mesmo, como fome de Deus e alegre aceitação dos bens espirituais dos outros. O mundo nos pede hoje que testemunhemos a pobreza na singeleza de nossa vida, na austeridade de nossas casas, na generosa entrega aos carentes de tudo. Sobretudo o mundo

exige que sejamos pessoas pobres: pessoas que não sabem tudo, que não têm tudo, que não podem tudo, que necessitam de Deus e dos irmãos. É fácil proclamar a pobreza e exigí-la. Difícil — é um puro dom de Deus — ser verdadeiramente pobre. A pobreza não é protesto contra ninguém, mas uma pura afirmação de Deus.

A virgindade consagrada, como sinal do amor de Deus, como entrega total a seu serviço, como capacidade para amar mais profunda e universalmente os irmãos. Só se pode entender a virgindade e vivê-la generosamente na linha da caridade perfeita e da plenitude do amor. A castidade perfeita não esteriliza o coração nem o aprisiona, mas dilata ao infinito os espaços da caridade.

A obediência como maturidade da liberdade e da personalidade própria, como comunhão no Senhor, como entrega absoluta ao plano de Deus em si mesmo e na Igreja.

Que os religiosos sejam fiéis à sua consagração. Que revelem aos homens que é necessário perder tudo para ganhar Jesus Cristo (Flp 3, 8), vender tudo para comprar o reino (Mt 13, 44), morrer para entrar na glória (Lc 24, 26). Que ensinem aos homens o sentido do silêncio, o valor da oração, a fecundidade da cruz. Que manifestem por sua vida Jesus Cristo ressuscitado, imagem perfeita do homem novo e proclamem que o mundo não pode ser transfigurado nem oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças (L G, 31).

## 2. Fidelidade à comunhão eclesial

A segunda exigência do Espírito Santo aos religiosos da América Latina é que expressem em suas obras a comunhão eclesial. Que permaneçam fiéis à sua vocação específica mas que insiram sua ação numa autêntica pastoral de conjunto. Que sejam plenamente Igreja. A Igreja se define hoje essencialmente como comunhão. É o sacramento da unidade, o sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (L G, 1). Esta comunhão deve se revelar em três níveis: com Cristo glorificado. A Igreja é o mistério que o expressa e o comunica. Com os demais membros do povo de Deus. Com a comunidade humana.

Tomemos agora o segundo nível. A Igreja é o único Povo de Deus, com distinção de funções e carismas, com multiplicidade de tarefas, com variedade de riquezas pessoais, comunitárias e regionais. É o único templo do Espírito edificado com diversidade de pedras vivas sobre o único fundamento que é Cristo. É o único corpo do Senhor, composto com variedade de membros, que vai crescendo no amor, segundo a atividade própria de cada uma das partes (Ef 4, 16).

Tão essencial é à Igreja a unidade como a diversidade. Aliás, constrói-se a unidade a partir da diversidade profundamente harmonizada pelo Espírito. Por isso se exige do religioso que seja fiel aos próprios carismas e ao carisma essencial da própria congregação ou Instituto. Será preciso nesta hora da América Latina, redescobrir e revalorizar

o carisma original de cada Congregação. Dentro dela, cada religioso deve vivê-lo com generosidade no gozo do Espírito, sem invejar nem cobiçar outros carismas, livre também de um senso de superioridade ou de exclusividade, como se a Igreja se edificasse apenas com eles, mas numa atitude de humilde serviço. A renovação de um Instituto não se dá observando outros Institutos, mas voltando-se sobre o seu carisma original à luz das exigências do evangelho, da Igreja e do mundo de hoje.

O próprio e o específico deve ser vivido, entretanto, em plena comunhão eclesial, seja em âmbito local, diocesano ou nacional. Isto supõe perfeita comunhão com o bispo e com todo o colégio episcopal. Supõe uma participação ativa na elaboração e execução dos planos de uma autêntica pastoral de conjunto. Isto nos leva a pensar na necessidade de contínuo diálogo entre os mesmos religiosos (de diversas Congregações), os presbíteros e os leigos. O diálogo verdadeiro levará os religiosos a descobrir com exatidão a realidade global, a refletir mais profundamente sobre ela à luz do Evangelho, a coordenar suas forças apostólicas em orientações comuns e compromissos pastorais.

Cada Congregação religiosa não precisa estar presente em tudo e fazer de tudo.

Não pode negar nem descuidar o próprio e o específico. Por exemplo: o campo da educação, da assistência aos doentes, aos pobres,

etc. Mas é preciso conhecer tudo, sentir tudo, amar, incentivar. Em comunhão profunda de Igreja, cada religiosa, cada comunidade, deverá viver como próprias, as dores e as alegrias da Igreja particular e da Igreja universal. Deverá ter, sobretudo, um sentido muito profundo do que significa para ela a Igreja particular, o bispo com seu presbitério, as demais comunidades religiosas, o laicato em geral.

Qualquer que seja o carisma próprio de uma Congregação religiosa, qualquer que seja sua função específica na Igreja, há, entretanto, três campos comuns que hoje exigem particular dedicação dos religiosos na América Latina:

**1. O campo da evangelização** numa linha de purificação da fé, do amadurecimento e comprometimento da vida. É uma tarefa urgente para a Igreja hoje. Nosso continente, batizado em sua maioria, está apenas superficialmente evangelizado. Fazem falta autênticos profetas que proclamem numa linguagem dos homens de hoje, as indescritíveis maravilhas da salvação.

**2. O campo da promoção humana** numa linha de condução dos homens à perfeita liberdade em Cristo. Inseparavelmente unida à tarefa da evangelização, a promoção humana busca situar o homem e

todos os homens em condições tais que lhes permitam desenvolver plenamente sua vocação humana e divina.

**3. O campo do laicato** para formação e compromisso de autênticos apóstolos e testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo no mundo. Vivemos, especialmente na América Latina, a hora do laicato. É urgente que os religiosos sintam sua responsabilidade em descobrir os leigos, em formá-los profundamente, em incorporá-los ativamente em suas tarefas. Dentro do laicato é indispensável hoje um trabalho positivo com os jovens. A juventude constitui hoje para a Igreja um dos setores preferenciais de sua atenção. É preciso aceitá-la em sua riqueza, orientá-la em suas inquietudes, compromissá-las em sua generosidade.

Esta comunhão eclesial exige muita renúncia pessoal e comunitária. Exige ainda muita fidelidade ao próprio e específico de cada Instituto, em espírito de autêntico serviço. Nada disso é fácil. É necessário evitar, de um lado, a singularidade, e de outro, a uniformidade. Somente por uma plena fidelidade ao Espírito Santo, que distribui seus dons como quer para edificação do mesmo corpo, se conseguirá o equilíbrio da diversidade na unidade.

### **3. Fidelidade à realidade global latino-americana**

---

Finalmente o Espírito Santo pede aos religiosos da América Latina que saibam encarnar-se redentora-

mente na realidade latino-americana, assumindo um generoso compromisso de colaborar no processo

de promoção humana integral. Trata-se de uma fidelidade essencial ao Espírito Santo que nos fala hoje pelos sinais dos tempos. Esta presença redentora do religioso na realidade global da América Latina exige três coisas:

**Primeira.** Um conhecimento exato da situação em que vivem os homens e os povos deste continente. Não se trata de simples conhecimento teórico, mas de um conhecimento "por paixão", isto é, por experiência e que parta para uma sensibilização equilibrada e redentora. Trata-se de um conhecimento global, isto é, sócio-econômico, cultural, religioso.

Os homens e os povos do nosso continente — aqueles que temos de salvar plenamente em Cristo — vivem em grande parte em condições infra-humanas, marginalizados e oprimidos, sem possibilidade de assumir eles mesmos o próprio destino, impossibilitados de participar dos bens da civilização e da cultura. Submersos na miséria, sem possibilidade de alcançar os bens necessários. Poucos possuem muito e muitos possuem nada ou pouco demais. Submersos na ignorância, não têm acesso aos bens espirituais da educação. Progressivamente se desperta a consciência destes povos oprimidos. Engendra-se a explosiva tentação da violência. Do ponto de vista religioso, existem elementos valiosíssimos de uma religiosidade popular que deve ser respeitada e valorizada, purificada e amadurecida.

**Segunda.** Uma presença verdadeiramente evangélica e redentora

dos religiosos. Que eles encarnem essencialmente os valores religiosos. Profundamente comprometidos com os homens, solidários com sua sorte, não podem simplesmente identificar-se com sua sorte nem assumir necessariamente todas as suas atitudes. Existem atitudes e protestos que a Igreja não pode assumir plenamente como seus. Tudo o que é da Igreja o religioso precisa considerar seu também. Nem tudo, porém, que é da Igreja deve o religioso realizar da mesma maneira. O mundo espera do religioso um testemunho diferente e um gesto muito específico.

Aqui poderíamos fazer uma pergunta: a fim de que esta presença redentora do religioso entre os homens seja realmente encarnação de Cristo e expressão do evangelho, será mesmo preciso que ele conviva com os homens em seu estilo de vida singelo e pobre?

Parece que a resposta deva ser sim em determinadas circunstâncias e que, nestes casos, o Espírito Santo inspira e sustenta. É indispensável, todavia, que sejam autênticas comunidades evangélicas, gente preparada e madura, com pleno respaldo da Congregação e em plena comunhão com a Igreja local.

**Terceira.** Uma colaboração ativa no processo de promoção humana integral, de libertação plena dos homens e dos povos. Sempre na linha de sua atividade específica, o religioso deve empenhar seus esforços na criação de condições mais humanas, que permitam ao homem ser verdadeiramente o artífice de

seu próprio destino. Deverá despertar a consciência dos marginalizados e dos oprimidos. Deverá chamar à consciência os principais responsáveis. Deverá formar leigos que assumam generosamente sua tarefa. Deverá explicar aos homens qual o exato de sua plena libertação. Não se trata de uma simples libertação interior — libertação do pecado — nem libertação escatológica — futura e última —. Tampouco se trata de uma pura libertação sócio-econômica ou política. Trata-se de livrar o homem de todo tipo de servidão (a primeira das quais e como raiz de todas, o pecado) e de conduzi-lo à perfeita liberdade em Cristo, o que supõe a criação de um homem novo em Cristo Jesus por obra e dom de seu Espírito.

O religioso não pode encerrar-se num pseudo-espiritualismo que se reduz à uma transmissão abstrata da mensagem evangélica. Tampouco pode comprometer seus esforços na violência de uma luta que renege sua perfeita fidelidade ao evangelho. Hoje é muito difícil manter o equilíbrio.

Por esta mesma razão, hoje mais do que nunca, exige-se no religioso uma atitude fortemente contemplativa. O religioso deve ser homem de contemplação. Somente a partir da profundidade da oração, contato vivo, permanente e pessoal com o Senhor, poderá realmente descobrir o homem e seus problemas, poderá penetrar nas exigências do evangelho e nos planos salvíficos do Pai, poderá comprometer-se equilibradamente, como sinal de Deus, testemunha e profeta, na promoção humana integral dos homens e dos povos.

## Conclusão

É uma graça de Deus viver hoje na América Latina. É preciso compreender, amar, viver generosamente esta hora, isto é, a hora de Deus para nós. É uma hora de busca e de riscos. Hora de incertezas e de cruz, de tensões e de crise.

Mas fundamentalmente é a hora da esperança. Deus está operando maravilhosamente em sua Igreja e na história. O Senhor Jesus vive e atua entre nós de modo novo, acelerando o reino que deverá entregar ao Pai. O Espírito da verdade nos ilumina. O Espírito da fortaleza nos sustenta. O Espírito do amor nos purifica e nos compromete. Chegou para a América Latina o dia da salvação, o tempo da graça (Is 49, 8). Precisamos ser, mais do que nunca, tranquilos e ardentes testemunhas da páscoa, cheios de esperança inabalável, comunicadores de uma paz verdadeira.

A religiosa deverá sentir-se feliz de ter sido chamada hoje pelo Senhor para expressar e realizar a Igreja, uma Igreja que é comunhão e presença, salvação e serviço, testemunho e profecia. O Senhor a chama. O mundo a espera. A Igreja a envia. O Espírito Santo a transforma e sustenta. Apenas se pede que seja generosamente fiel como a Virgem Maria. Fidelidade ao silêncio e à cruz, à oração e ao testemunho, à pobreza verdadeira, à virgindade fecunda e responsável. Fidelidade à sua consagração definitiva, à sua comunhão eclesial, à sua presença redentora no mundo. Fidelidade à palavra e ao Espírito.

---

# O HOMEM SECULARIZADO À PROCURA DA SOLIDÃO

---

---

**D. Cirilo Folch Gomes, OSB**

---

## 1. Dificuldades

A primeira vista o título deste artigo parece dizer um paradoxo. A solidão não é justamente o espectro ameaçador de que foge sem cessar o homem moderno?

Grandes analistas, filósofos sociais e literatos têm denunciado a solidão como o sofrimento número um gerado pela civilização urbana atual, com sua imensa potencialidade para os contactos mas não para os encontros. Também Paulo VI escrevia, na "Octogesimo adveniens", admirável documento de interpretação teológica do mundo contemporâneo:

"No seio da sociedade industrial, a urbanização transforma os modos de viver e as estruturas habituais da existência: a família, a vizinhança e os próprios moldes da comunidade cristã. O homem passa a experimentar com isso uma nova forma

de **solidão**, não já frente a uma natureza hostil que ele levou séculos a dominar, mas no meio da multidão anônima que o rodeia e onde ele se sente como um estranho"(1).

Em oposição à vida provinciana de épocas passadas, que caracterizava o ambiente não só do interior mas também das cidades menos complexificadas, e onde cada pessoa se sentia conhecida e situada, a era da megalópole trouxe a experiência do anonimato, o que vale dizer, da solidão. A pessoa é conhecida em certo círculo de relações, diluído porém na proporção do grande todo, onde ela passa a existir como um número. E a maior parte de suas relações se dá em plano simplesmente funcional, no qual se manifestam algumas qualificações mas não a personalidade mesma, na pujança de sua autenticidade, de sua revelação, de seu engajamento. As relações de trabalho, por exemplo,

geralmente nada têm a ver com a vida particular. Isso traz vantagens, aumenta a liberdade de movimentos, alivia a pressão da censura social, permite a escolha consciente e livre das relações verdadeiramente íntimas e pessoais. Mas também contribui para cindir e fragmentar a vida individual, acarretando aos poucos a sensação de perda de identidade, a impressão de solidão. O indivíduo se considera estrangeiro no torvelinho de comunicações de superfície em que vive a maior parte de seu tempo, como alguém que passasse fome ante a mesa farta de um banquete. E o sofrimento da solidão é padecido não raro no próprio recinto do lar, onde a diversidade de interesses e ocupações dos cônjuges, a diferença de mentalidade entre pais e filhos, a ausência de conversação, fazem-nos coexistir sem realmente conviver.

Essa solidão-sofrimento não é por si mesma benéfica, não gera o enriquecimento da pessoa, não a leva a saborear os doces frutos que os eremitas degustam em seu silêncio e anonimato. Ao invés de proporcionar-lhe o encontro consigo mesma, fá-la sentir-se cada vez menos capaz de se compreender e cada vez mais propensa a se dispersar, a se divertir, a se evadir em reuniões, a evitar o próprio confronto no face a face do espelho interior. Acontece então que tal pessoa está só e não está só. Está só, mas luta para não estar. Não se aceita assim. Torna-se incapaz de compreender — diria Pascal — que justamente seu mal é não querer enclausurar-se por uns momentos no próprio cubículo.

Poderíamos alinhar outros aspec-

tos segundo os quais ao homem secularizado repugna a solidão. O aspecto, por exemplo, em que parece opor-se à mobilidade, ao dinamismo trepidante da vida moderna. Como pode alguém parar na pista, onde tudo corre e voa? Ou como pode, sem se atrasar e se alienar, fechar-se à audição dos ruídos que sinalizam a competição universal e marcam o compasso da luta pela vida?

Numa consideração mais profunda ter-se-ia enfim um problema de mentalidade, de estrutura de pensar e não só de condicionamentos exteriores. Ao homem secularizado repugnaria a solidão na medida em que ela significasse o convite à meditação metafísica, ao exame das últimas questões, ao defrontamento com a questão de Deus. O homem secularizado seria, na apreciação de alguns autores, essencialmente pragmático e a-religioso. Vejam-se, por exemplo, as páginas de Harvey Cox em **A Cidade do Homem**. O estilo da vida da tecnópolis estaria marcado por estas duas características: pragmatismo e profanidade (2). Por pragmatismo entendam-se o desinteresse pelas questões metafísicas, o interesse apenas pelo aspecto funcional dos problemas, a tendência a julgar as teorias pelos resultados práticos. E por profanidade a concepção a-religiosa das coisas, uma visão das atividades terrestres como que sem referência ao Sobrenatural ou, até mesmo, a rejeição de traduzir a fé em categorias teístas e de lhe dar expressões culturais. Cox não terá desejado ir tão longe, mas houve os que acharam só ser suportável ao homem moderno uma in-

interpretação funcional e secular do Evangelho, reduzido à condição de mensagem ética e política, a uma versão "cristã" de ateísmo...

Evidentemente, quem está imbuído dessa mentalidade não se sentirá inclinado à solidão contemplativa. Desejará apenas descansar de quando em quando do bulício. Suas fugas de fim de semana, para o sítio ou a praia, visarão somente a higiene dos nervos, qualquer retiro só terá sentido se for para projetar e preparar novas atividades, jamais para realizar o projeto agostiniano do **noverim me, noverim Te**.

## 2. "Sed contra..."

Não exageremos o pragmatismo e a profanidade do homem moderno! A civilização tecnológica está na verdade demasiadamente comprometida com as realidades terrestres. Ela promove, antes de tudo, os valores da eficácia e tende a produzir um homem mais "faber" do que "sapiens", mais feito para explorar e dominar o universo do que para admirá-lo e nele reconhecer os sinais do Criador, mas não consegue sufocar-lhe a natureza. O homem de hoje, como de sempre, se recusa a viver só de pão e a dar as costas para os grandes problemas do significado da existência e da ação. Mesmo quando não chega à meditação metafísica sobre Deus ou a uma experiência consciente e profunda de fé religiosa, não pode evitar o assédio das questões sobre o seu ser-para-a-morte, sobre a vertigem do existir, sobre a angústia do sem-sentido, etc. que objetivamente constituem a premissa menor na as-

cenção intelectual para Deus. O sucesso da temática dos existencialismos é um dado que se opõe à tese do moderno "homo empyricus", inventado pelos neo-positivistas e marxistas. Como muito bem disse o Vaticano II, a civilização moderna, como tal, não leva à irreligiosidade, ao agnosticismo, ao ateísmo, embora — porque excessivamente imersa nas coisas terrestres — possa "muitas vezes dificultar o acesso a Deus" (3).

Não exageremos a dificuldade de crer, de contemplar, de orar, em nosso tempo. Os dados da sociologia não comprovam absolutamente as previsões que, desde o século passado, anunciam, pela boca de Augusto Comte, Karl Marx, Max Weber e outros, o fim da "religião". Mostram ao contrário a sobrevivência do engajamento religioso e das práticas de culto como uma das grandes realidades humanas de nosso tempo. Diminuem eventualmente práticas oficiais, consagradas pelas instituições, mas surgem outras, exprimindo em novas modalidades a força de um como que instinto de adoração, inscritos no ser humano. Às vezes manifestações extravagantes, como em certos movimentos de misticismo, na "Jesus revolution", na corrida para o ocultismo, etc. De qualquer modo, e apesar da enorme onda de hedonismo ativada pelos meios de comunicação social e movida por ganâncias financeiras, persistem nas estatísticas altos índices de afirmação religiosa, inclusive em nações como os Estados Unidos, onde mais vive o "homem moderno", o da ciência e da técnica, portanto, o mais diretamente atingido pelo

processo da secularização (4). E fracassa nos países comunistas a propaganda sistemática do ateísmo, embora fazendo suas devastações e muitas vítimas.

Não nos cabe alongar aqui, em dados e exemplos, esta argumentação. Apenas frisamos a falsidade do rótulo de “era pós-cristã” ou “pós-religiosa” que alguns pretenderam afixar à civilização que se gera em nosso tempo. As tendências secularistas que nela atuam não conseguem anular a sensibilidade humana para os sinais de Deus, sempre perceptíveis na natureza, na beleza, no amor, na vida que nasce, na morte, na poesia, na ciência, na História, na Bíblia, na face humana de Jesus...

### 3. Motivos para a solidão

Na vida moderna e em qualquer época a solidão pode ser procurada como fuga e por motivos neuróticos. O esquizóide a busca de maneira brutal, na atitude de quem rompe com o ambiente para refugiar-se em seu mundo de sonhos. O neurastênico é o indivíduo que precisa a cada momento ficar só e recolher-se para se recuperar do desgaste a que o expõem os atritos dos outros e das coisas. O sentimental se retira porque está sempre ávido de remoer no coração as impressões que lhe causaram dor ou alegria.

Mas existe também a procura da solidão por razões absolutamente sadias, por uma necessidade rítmica na vida pessoal, por uma necessidade de defesa contra a dispersão

e o excesso de excitações. Por uma necessidade de autenticidade e, no plano da vida da fé, por uma exigência da oração mais pura e da experiência de Deus. Tudo isto também ocorre no contexto da vida moderna, onde o homem afinal nem sempre está neurotizado e nem sempre tentando escapar, de divertimento em divertimento, de sua vocação contemplativa.

Dizia Aristóteles (e Santo Tomás o repetia) que “aquele que não se comunica com outros ou é um bruto ou um deus, isto é, um homem divino (5). Forçando uma tradução em termos atuais: ou é neurótico ou pessoa que realmente quer transcender-se pela tomada de consciência de seu próprio mistério e pelo acesso ao mistério de Deus.

O ser pessoal é comunicável e incomunicável, feito para o diálogo, para a descoberta do Outro, para a vida social, para o amor, para a doação. É ao mesmo tempo uma “individua substantia”, um ser que nasce e morre sozinho, portador de um segredo que ninguém descobre, se ele mesmo não revela, portador de um nome insubstituível e de uma vocação própria. Normalmente a vida pessoal transcorre no ritmo alternado da comunicação e do silêncio. Às vezes, um destes tempos pede para ser forte, em razão de circunstâncias especiais ou de um apelo sentido mais para esta ou aquela direção. A vocação contemplativa é uma possibilidade humana, louvada pela sabedoria antiga e redimensionada na tradição cristã.

“Conhece-te a ti mesmo”, rezava o adágio socrático, sugerindo que o

caminho da felicidade começa nesse olhar introspectivo, onde aprendemos a decifrar o que convém ao nosso "ser mais", ao nosso enriquecimento. A entender nossos limites, a fonte de nossos recalques. A fazer nosso exame de consciência, com vistas a uma sempre renovada conversão, pois é nesse mesmo solilóquio que aprofundamos o significado de nossa inserção no mundo, de nossa relação com os outros, da dependência de nosso ser frente ao Absoluto. Tornamo-nos mais sensíveis à presença de Deus, que nos envolve como a suave brisa onde Elias O reconheceu.

A solidão paradoxalmente deixa de existir, na vida interior. Nunca estamos menos sós do que quando estamos sós (6), na companhia de nossa memória, conhecimento e amor. E na presença sobretudo de Deus e de seus Santos, vivenciada na experiência da fé e da graça.

Comentando o modo de conversação terrena de Jesus, Santo Tomás tece observações interessantes sobre as razões válidas de se buscar a solidão. Para ele são três essas razões: o descanso, a oração e a autenticidade da vida pessoal. Observa que o Senhor não viveu solitariamente, sendo sua missão estar junto aos homens, para ensiná-los, salvá-los e aproximá-los de Deus. Mas, por vezes, se retraiu das turbas, deixando com isto exemplo instrutivo aos discípulos. Pois o fazia pelas três razões alegadas. Primeiro, por uma questão de descanso, conforme se lê em Mc 6,31, quando Jesus convida os discípulos a irem repousar em lugar tranqüilo. Segundo, por causa da oração, con-

forme Lc 6,12: "retirou-se para um monte a fim de orar, e permaneceu a noite **in oratione Dei**". Terceiro, para nos ensinar a dispensar o aplauso humano e afastar-nos da ostentação, maxime quando se trata de discutir coisas importantes; cfr. Mt 5: "vendo as turbas, subiu ao monte"(7).

#### 4. Solidão e vida religiosa

Acabamos de notar que a solidão pode ser abraçada por razões naturais e sobrenaturais. É sobrenatural a que visa a oração, a união com Deus, a libertação das paixões e distrações que dificultam a posse do Reino de Deus. Como o celibato, que pode ter motivações naturais ou ser abraçado "propter regnum coelorum". O celibato é precisamente a forma clássica e, diríamos, elementar da solidão estavelmente assumida. (Assumida ou consentida? Talvez fosse melhor usar aqui o verbo consentir, pois não se trata de uma iniciativa humana heróica mas da acolhida de um dom, cuja luta para se manter fiel ocorre em segundo tempo). Nesse estado, o fiel procura libertar-se de uma série de preocupações "a fim de cuidar das coisas que são do Senhor" (1 Cor 7,32). Pode viver mais plenamente o estatuto próprio do tempo presente, que é breve e passageiro (por sua vizinhança com os dias escatológicos) e que por isso nos convida a usarmos deste mundo como se não usássemos.

O ideal anacorético subsiste na Igreja, pois, num de seus aspectos mais característicos, na vida do celibato consagrado. Mais ainda se

este se acompanha do ideal de pobreza, como na vida religiosa, que é originalmente a vida monástica, isto é, a vida solitária, mesmo se vivida — como é o caso, habitualmente — em comunidade, na forma cenobítica ou conventual.

Aqui valeria recordar um pouco da História monástica. No fim do século IV são reconhecíveis algumas diferenciações no seio do já grande número de monges e conventos: 1) O eremitismo, representado pelos solitários do Egito. 2) O cenobitismo, derivado de S. Pacômio, qui visa proporcionar através da vida comum uma disciplina ascética, tornada necessária com o grande aumento de vocações solitárias, ao mesmo tempo que criar maiores facilidades, graças à cooperação de muitos, para a oração pura e desimpedida de cuidados temporais. 3) O cenobitismo de S. Basílio, organizado na Ásia Menor, no qual a comunidade já não exerce mais apenas a função de um quadro destinado a favorecer a vocação solitária, mas se concebe como um fim em si, dentro do ideal de se constituir uma família retirada do mundo e onde os monges possam exercer amplamente as virtudes evangélicas sociais. Resta que essa família monástica permaneça retirada do mundo e sua organização é toda planejada com vistas à dedicação exclusiva ao serviço de Deus. Trata-se ainda de uma espiritualidade de solidão e deserto, vivida agora numa cidadela fisicamente separada da grande sociedade humana (8).

São Bento, mais tarde, organiza o mosteiro mais ou menos dentro

desse ideal basiliano, intencionando diretamente a constituição de um "cenóbio" ("domus Dei", "schola dominici servitii"), embora com aberturas para o ideal eremítico puro. Segundo diversos comentadores, a **Regula monachorum** se conceberia mesmo como preparação para o ideal eremítico ("minima inchoationis regula", escreve S. Bento), o qual supõe pessoas já capacitadas a enfrentarem sozinhas a ascese, sem o conforto das fileiras fraternas.

Nas Ordens medievais e depois nas Ordens e Congregações modernas, deu-se geralmente um sentido mais restritivamente espiritual à separação do mundo. Não se tratava, a partir de então, de realizar a vida solitária na ermida ou mesmo no mosteiro, mas em contacto mais pleno com os homens e no serviço caritativo junto a eles. No fundo, porém, estava sempre a idéia de que a vida religiosa se alimenta na espiritualidade da solidão, sendo vida de renúncia ao mundo, vida de pobreza, de celibato, estruturada de modo a facilitar, apesar das múltiplas ocupações, a oração contemplativa.

Na mesma linha e em passo ulterior vieram os Institutos seculares, cujas fronteiras com o mundo pretendem ser as de uma solidão puramente interior.

Os leigos, sem dúvida, não são chamados ordinariamente à vida de solidão, pois seu lugar é exatamente o de edificadores, no mundo, de uma sociedade mais de acordo com os desígnios de Deus. Sua vocação é normalmente o matrimônio, a

profissão secular, enfim o compromisso — em nome de Cristo — com as tarefas da ordem temporal. Mas é claro que alguma inspiração podem colher do ideal solitário, não só nos momentos periódicos de retiros e de oração contemplativa, como na própria atitude pela qual se engajam nas atividades terrestres e que ainda tem sua lição válida nas palavras do Apóstolo: “usando deste mundo como se não usassem”, isto é, na consciência da esperança escatológica e na vivência dos dons do Espírito Santo, um dos quais é o de relativizar as coisas passageiras face aos bens eternos do Reino de Deus.

## 5. Solidão e vida eclesial

A Igreja é um povo em marcha e seu ideal é a comunicação de todos em Deus. Não é “uma poeira de indivíduos piedosos” (H. Küng). Sua lei é a solidariedade em Cristo, novo Adão.

A vida da fé, por sua vez, mesmo quando enriquecida pelos dons superiores do Espírito Santo, que a fazem contemplativa e mística, não está ligada necessariamente à separação física do mundo ou às longas horas de oração e meditação. “Não os peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal” (Jo 17,15), foi a prece de Jesus na Ceia. Assim, como escrevia Jacques Maritain numa de suas mais belas páginas, há almas que vivem a vida mística, sob o influxo do dom da sabedoria, fora todavia das formas típicas e normais da contemplação:

“Tais almas, cujo estilo de vida é ativo, terão a graça da contem-

plação, mas de uma contemplação velada (*masquée*), inaparente; talvez sejam pessoas capazes apenas de recitar rosários, e a oração mental talvez não lhes traga senão dor de cabeça ou sono. A misteriosa contemplação não estará em sua oração consciente, mas no olhar com que elas olharão um pobre, ou fixarão a dor” (9).

Apesar de tudo isto, permanece sendo uma possibilidade cristã a vida reclusa e solitária. A vida que assinala e exprime um aspecto do mistério da Igreja, que é justamente o de ser um povo ainda caminhante no exílio e no deserto. O eremitismo, assumido como vocação estável ou, pelo menos, periodicamente (nos retiros), encontra seu sentido na imitação do Cristo orante sobre a montanha (10) ou do Cristo no deserto, em luta contra as tentações, ou do Cristo agonizante e aceitando o cálice de seu Pai; na imitação de Maria que, silenciosamente, saboreava a palavra de Deus e permanecia de pé junto à cruz; na imitação de grandes figuras bíblicas como Elias e João Batista, de grandes figuras cristãs como as dos Padres do deserto, de S. Bento, S. Bernardo, S. Bruno, S. João da Cruz, Pe. De Foucauld, etc.

A vida de fé, além de alma das boas obras e sal da terra, sendo adesão ao Invisível e acesso à comunhão com o Pai, pode exprimir-se sobretudo na linha desta modalidade mais extática do que atuante, desdobrando-se numa caridade mais afetiva do que visivelmente efetiva, sempre certa, porém, de sua eficácia sobrenatural em relação ao mundo.

Como diz Paulo VI na Instrução "Venite seorsum", com citação aliás do Vaticano II: "Os religiosos que se consagraram unicamente à contemplação ajudam, por meio da oração, a obra missionária da Igreja, pois é Deus que, quando invocado, envia operários a sua messe, torna o espírito dos que não são cristãos sensível ao apelo do Evangelho e fecunda em seus corações as palavras da salvação" (11).

O verdadeiro contemplativo não precisa justificar-se teologicamente ou criticamente. Ele sabe que é bom estar com Deus, salmodiar na presença do Altíssimo, permanecer em Sua palavra, meditar em Sua lei, comprazer-se em Sua vontade. A força da experiência interior se impõe, como uma torrente de profunda paz. Ele compreende, como Santa Teresinha, que sua vocação no Corpo Místico é ser o coração que ama e que assim comunga com todas as vocações.

## 6. Testemunhos contemporâneos

Entre diversos autores contemporâneos, principalmente cartuxos e carmelitas, Thomas Merton foi, nos últimos anos, um conhecido apóstolo da espiritualidade solitária, apresentando-a naquilo em que convém ao homem moderno. Em sua obra **Contemplação num mundo de ação** (tradução do Mosteiro da Virgem, ed. Vozes, 1975), informa sobre alguns exemplos atuais de vida eremítica no sentido estrito, acontecidos à sombra de mosteiros cistercienses e beneditinos, tecendo considerações interessantes. Observa, entre outras coisas, que se os mon-

ges do século IV, por suas manifestações carismáticas deixaram uma impressão de super-homens, hoje o que se gosta de ver nos solitários é antes uma demonstração do simples e puro homem, recuperado pela graça de Deus e imune aos condicionamentos, artifícios e mitos que saturam nossa civilização. Claro que são vocações extraordinárias, não normais. Mas deseja-se encontrar nelas algo do que é o homem sadio, purificado e feliz. "Viver de maneira feliz e sem afetação na vida solitária. Essa é a primeira obrigação do eremita monástico, pois ele pode restaurar em outros a fé em certas possibilidades latentes da natureza e da graça" (pg. 226). Afetação aqui seria todo romantismo e teatralização: a roupage, o travesseiro de pedra, o séquito de devotados passarinhos. . .

O homem moderno está sempre assaltado pelo temor do tédio. Sempre induzido a empreender algo que o livre da "fossa", comprando uma mercadoria, apertando um botão, abrindo uma garrafa, engolindo uma pílula. . . "O eremita é, ou deve ser, feliz, sem possuir um modo de produzir felicidade que solucione seus problemas. Ele olha o tédio de frente sem outros recursos do que os que têm em si, isto é, suas próprias capacidades e a graça de Deus. Faz funcionar esses recursos e descobre que sua vida desconhece o tédio. Renunciando à preocupação de procurar como e onde divertir-se, percebe que viver é ser feliz, uma vez que sabe o que seja viver na simplicidade" (pg. 227).

Por estas e outras razões, a imagem do solitário tem hoje uma uti-

lidade especial, como lição de libertação e independência.

Merton se referia ao caso de monges vivendo em bosques perto de seus mosteiros, dentro da obediência e guardando relacionamento com suas comunidades. Em nosso meio brasileiro tem-se notícia da experiência análoga de um frade dominicano na Serra da Piedade, em Minas, já desde algumas décadas. Em realização menos formalizada, vivem eremiticamente alguns velhos capelães de comunidades religiosas e outros sacerdotes, aposentados das lides paroquiais, e cujos dias transcorrem no silêncio e na oração, com pequeno contacto com o mundo. E podíamos mencionar as instituições reclusas como os Carmelos, certos mosteiros, o priorado de Serra Clara, casas de retiro de congregações femininas (como a "Solitude", em Curitiba), etc. São ambientes de vida comunitária mas contemplativa. Também os Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus, contemplativos no meio dos pobres e favelados, dando-lhes o testemunho

de uma presença fraterna, como a de Jesus em Nazaré. Todas essas instituições e realizações conhecem a procura de leigos, desejosos de se refazerem periodicamente no silêncio e numa oração mais profunda.

Em Paris, se instalou o ano passado, junto à igreja (muito central) de Saint-Gervais, uma comunidade de tipo monástico, onde os membros, que exercem durante parte do dia diferentes atividades profissionais, se reúnem pela manhã, ao meio dia e à tarde, para ofícios de liturgia e oração, acessíveis às pessoas que trabalham. Pretendem constituir uma presença da Igreja enquanto orante no centro da grande urbe, que é para eles o deserto de hoje, o lugar das lutas e das miragens, da sede e da solidão.

Oxalá se multiplicassem em todas as cidades ambientes e exemplos assim (já os temos, aliás, em pequeno número), que proporcionassem ao homem secularizado momentos de paz e atenção à presença de Deus.

## NOTAS

1. SEDOC, 1971, 144B. 2. Cf. o capítulo 3: "O Estilo da Vida Secular". 3. Gaudium et Spes, 19. 4. KLOPPENBURG, BOAVENTURA, Frei, "O Cristão Secularizado", ed. Vozes, 1970, pg. 48. Na mesma linha vários artigos em Concilium, 1973, n.º 81: **A persistência da religião**. 5. Cf., S. Th., I-II, q. 51, a 1.

6. "Nunquam minus solus quam cum solus sum", cf. Sto Ambrósio, "De Officiis", P. L., 16, 145, inspirando-se na obra homônima de Cícero. 7. S. Th., III.ª, q 1, ad 3m. 8. Cf. DOYÈRE, PIERRE, **Erèmitisme en Occident**, no Dictionnaire de Spiritualité, Paris, 1960, t. IV, 956-957. 9. Jacques e Raissa Maritain, **liturgie et Contemplation**, 1959, pg. 38. 10. Lumen Gentium, 46. 11. Instrução **Vente Saorsum**, 1969, 14.

---

# EXIGÊNCIAS PARA UMA FORMAÇÃO PERMANENTE

---

---

**Frei Basílio Prim, OFM**

---

O Concílio quer que os Institutos Religiosos se renovem e se insiram nas origens e na missão que Deus lhes confiou. O Religioso seja visto à base dessa realidade, e não, em primeiro lugar, em função das exigências do mundo. Que a Vida Religiosa seja vista como um processo e não um estado. E que nenhum Religioso pare na formação regular que recebeu no Noviciado ou fora dele.

## **1. Quem é o Jovem Religioso em 'ato e em verdade'?**

Necessitamos dessa radiografia para podermos opinar acerca da formação continuada. Uma experiência de nove anos deu-me certa base para afirmar o que segue. Há no jovem Religioso esforços de reflexão, tanto em particular como em comum, no que diz respeito às intenções, às decisões e à execução referentes à Vida Religiosa. Esse esforço se manifesta principalmente

nos encontros, quer espontâneos, quer organizados.

Há também um esforço sadio de como continuar a missão da Vida Religiosa. Não faltam esforços de ardente fidelidade. As decisões dos encontros informais e organizados o atestam. Sentem necessidade de correr, como uma criança, apressadamente. O jovem Religioso dá valor à Palavra de Deus, sem excluir a dos homens. Em ambas pensa ver um sinal sob a forma de um apelo, de uma urgência, de um dever.

Caracteriza-se também por uma vida com Deus. Ainda que o comportamento exterior nem sempre pareça convencer. Fala muito em sincera autenticidade. Tem horror em apenas aparecer. O jovem Religioso está disposto a viver a pobreza real, evangélica e religiosa, na dimensão espiritual e econômica. Quer que ela seja o sinal de identificação, com um relevo especial.

Crê que a Obediência religiosa não pára no diálogo, na cooperação em comum, na participação nas decisões. Deixa ao Superior várias decisões, sendo o limite a consciência. Nota-se nele forte dedicação na promoção do homem. É o amor a Deus que se manifesta concretamente num homem concreto. E entende que o primeiro lugar cabe aos co-Irmãos.

## 2. O fenômeno da 'maré-baixa'

Como se manifesta? Atualmente desistem menos Noviços que professores temporários, e menos professores temporários ou ligados por outros compromissos, do que professores perpétuos ou solenes. A insegurança pessoal, do Instituto Religioso ao qual pertencem, a maneira negativa de se conduzirem já nos primeiros anos frente à Pastoral, à vida missionária, enfraquece a olhos vistos a fidelidade e a vida interior. Perdem a devida disposição com rapidez.

### Conseqüências da 'maré-baixa':

Instala-se um verme mortífero dentro da fraternidade: o individualismo doentio, e sempre defendido com 'argumentos seguros' e 'impressionantes'. O comodismo e a vanglória recebem o sugestivo nome de 'meta pessoal'. Um passo a mais e se desencadeia a caça para o 'status' social, muleta para se sentir alguém.

Segue a assim chamada 'inserção no mundo de hoje', às mais das vezes, mudanismo, já bem próximo do horizontalismo, e... a agonia da fé. O barco do Religioso que correu

ao sabor das ondas, nem onda mais encontra. Arrasta-se penosamente, para logo mais entregar os pontos.

A diminuição da disponibilidade para as tarefas do Instituto vem dificultando sempre mais o planejamento, a curto e a longo prazo. A imobilização, de um lado, gera, por outro lado, uma espécie de turismo e ciganismo.

A contestação dos valores da Vida Religiosa e dos votos em particular nem sempre encontra reações à altura, talvez porque as pessoas queiram ser permissivas e compreensivas... Houve Institutos que perderam a metade ou mais de seus membros. Desolação que deixa marcas. Mas não dá para deplorar como os discípulos de Emaús: "... nós esperávamos... e já é o terceiro dia" (Lc 24,21). O Educador consciente tem que viver ainda uma longa Sexta-Feira Santa mas, ao mesmo tempo dirá: "Sei em quem acreditei" (2 Tim 1,12). É preciso crer e esperar no estranho paradoxo: "Vós também agora estais tristes, mas tornarei a ver-vos e vosso coração se alegrará" (Jo 16,22).

## 3. A formação continuada

A preocupação máxima, decorrente do quadro anterior, é a de fornecer uma profunda formação religiosa através dos anos. Sendo a Vida Religiosa um processo, ela precisa de alimento. Este vem da reflexão teológica, pastoral, a profissional, através da leitura, de cursos que a Igreja e a sociedade oferecem.

Empenho pessoal na formação. Pesquisas científicas a respeito da Vida Religiosa, tanto no que se refere a Documentos como ao estudo do seu conteúdo, são hoje abundantes e seguras. O que pedem? Pedem a aplicação da inteligência. As legítimas interrogações da ciência e da crítica histórica são necessárias para progredir e avançar. É preciso redescobrir o conteúdo da Palavra, de Deus e dos homens, escondido sob a roupagem das palavras e das formas.

Outra exigência é o necessário discernimento. Frente aos Documentos da Vida Religiosa, frente ao estudo de seu conteúdo pode haver uma atitude de desconfiança, ou de entusiasmo muito grande, ou de acolhimento crítico. De qualquer forma há um apelo. Como responder ao apelo? Preciso de princípios orientacionais. Quais? Por vezes, devo olhar os apelos através das necessidades dos homens. Em outro contexto devo notar que existem apelos de Deus que estão fora da nossa situação social. É preciso colocar-se em estado de disponibilidade diante do apelo. Devo me dar conta que instintivamente tenho medo que Deus entre em meus 'negócios', mesmo até se forem mal...

A formação permanente supõe conversão.

Supõe uma manhã de Pentecostes: uma reviravolta completa — um parto, uma libertação, um nascimento. Só depois de convertido é que a pessoa adere. Adere porque fez uma descoberta pessoal. Descobriu que Cristo é ALGUÉM. Alguém que salvou da morte, do mal, do pecado, do legalismo asfixiante, das

prescrições meramente rituais, legais. A partir de então a pessoa descobre Seu rosto, Sua face, Sua voz, e Ele vai chamá-lo pelo nome, sente-se convidado a falar e conviver familiarmente com Ele.

#### **4. Formação permanente organizada pelo Instituto**

Os Institutos Religiosos estão empenhados em fornecer e organizar subsídios a seus membros. Basta lembrar os retiros, cursos de renovação, os encontros regionais, a própria fraternidade. Fiquemos com alguns elementos formadores.

**A fraternidade formadora.** O bom acolhimento fraterno, o apoio fraterno em tudo, a participação no planejamento, no acompanhamento e na avaliação dos trabalhos é uma forma específica de formação permanente. Há muitas maneiras de expressar o amor ao próximo — a Fraternidade é uma delas. O específico desse modo é uma atitude de doação e não de exigência. Consiste num estar atento aos direitos dos outros, que neste caso, não precisam dos cuidados do juiz, do tribunal, de ninguém a não ser da Fraternidade. Essa atitude não nasce, deve ser formada; é fruto da aquisição de hábitos.

A Fraternidade formadora, salvaguardando sempre os elementos fundamentais: igualdade de direitos, espírito de doação, intenção de proteger e garantir os direitos dos outros, deve estar atenta a milhares de possibilidades de estruturação especial. As estruturas devem ficar num nível mínimo. E a forma de estruturas possíveis fica numa escala

tão ampla como as diferenças possíveis entre as famílias. Na prática cada família tem sua maneira própria de ser. Mas, nem por isso as normas que a regem deixam de ter força obrigatória de lei.

Na Fraternidade Formadora, em sua estrutura fraterna, existe uma autoridade decisória com todas as suas conseqüências. Ela não decorre da fraternidade em si, mas da livre escolha que o Religioso fez pelo voto da obediência. Com a transferência da vontade para um outro, dá-se à pessoa do outro um poder de decisão considerável. Trata-se do cruzamento de duas estruturas que podem trazer dificuldades sérias. São diferentes, ambas as estruturas, mas não opostas. Com a diferença pode vir a tensão. E esta vem mais das pessoas do que das estruturas.

A Comunidade Formadora dá prioridade à pessoa. A Fraternidade é conseqüência da pessoa, supõe a pessoa, sem ser a soma de pessoas. A pessoa tem uma prioridade existencial e de valor sobre a Fraternidade. Os componentes vivos de uma comunidade estão convencidos que são eles que constroem a comunidade. A preocupação deles é a sinceridade diante de Deus e na honestidade para com Deus. Nada de falsidade, de hipocrisia.

Querer transformar a Fraternidade em família, é querer o impossível. O amor entre os irmãos tem fundamento no sangue, é natural, vem em boa parte dos elementos instintivos. Assim mesmo são relacionamentos precários. Inimizades e rixas entre irmãos são um fato. No

grupo fraterno não existe o elemento-instinto-fraternal. Não existem as inclinações naturais que levam ao relacionamento como em família. Na Vida Religiosa o relacionamento fraterno é fruto de hábitos.

Ainda mais: seus membros devem ser educados para a Província. Esquecer a Província, e só se dedicar ao seu setor, à sua casa, deforma. Não tem sentido pensar que a fraternidade local é definitiva. A fraternidade local está em movimento e sob o domínio da lei, da mobilidade. Há certa estabilidade provincial, não local.

No entanto, se não encontrarmos novas formas de expressão do espírito religioso, nascidos da reflexão, da meditação, da experiência, seremos vítimas da rotina e do cansaço que se encarregarão de deixar um profundo vazio nas fraternidades. Resta então perguntar: Como posso saber que estou agindo certo no período de formação? Julgando a árvore pelos frutos. Se o estudo levar a uma relação mais íntima e pessoal com o Deus vivo; se crescer na convicção que Jesus Cristo é o Filho de Deus que se fez Homem e me salvou. Todo o afã de formação religiosa não tenciona falar ou levar a falar de Deus, mas com Deus e a Deus. Através da oração captam-se a luz e a vida do Espírito do Senhor.

**O Espírito Santo como animador da Comunidade formadora.** A Fraternidade não se cansará de meditar sobre os dons visíveis do Espírito, de finalidade comunitária. Pelos Atos, os cristãos são 'completados' pelo Espírito Santo. Todos os

que tinham vivido com Cristo, continuaram imperfeitos até Pentecostes. O Espírito Santo agiu como um mestre que pega o pincel do aluno que não consegue dar vida ao quadro. Faz o 'milagre' da vida. A Comunidade formadora dará toda importância à dimensão carismática de seus membros. Foi o Espírito Santo que governou todo o empreendimento apostólico; inspira as palavras que devem ser ditas no Sinédrio, diante dos procônsules, dos Senadores em Roma. Assim Ele inspira a palavra de todos os dias, todas as audácias apostólicas, preside as decisões que comprometem o futuro das Comunidades Religiosas. O Espírito Santo purifica, vivifica e introduz na verdade o povo de Deus. Da mesma forma, Ele reveste o Religioso de seu poder, porque Jesus mesmo disse que sob a ação do Espírito Santo, todos fariam prodígios maiores do que os d'Ele mesmo. Os Religiosos são pedras vivas por excelência chamados à construção.

A ação carismática conserva a fé dos componentes vivos da comunidade, faz sua fé ser viva e intensa, preserva-os do cristianismo meradoras. Ajuntando alguns desses Promente sociológico. Para os Religiosos que vivem a experiência do Espírito em profundidade, Pentecostes para eles é sempre mais ou menos atual.

Para penetrar os segredos da natureza, precisamos de instrumentos adequados e poderosos. Para chegar ao conhecimento do Espírito do Senhor, precisamos de instrumentos que superem nossos próprios meios: só o mesmo Espírito. Assim a fé pode ser rezada, partilhada, perso-

nalizada, sentida. Quem tiver que passar a noite dos sentidos e do espírito, está passando por uma prova a parte. Por via de regra, a noite da fé que Ele exige dos Religiosos não é uma noite sem estrelas.

## **5. Os Projetos de Vida, ou as CC GG, como Roteiros de Atuação na Vida Religiosa**

O cerne, a medula, o que as Formas de Vida propõem aos Institutos em termos de formação contínua, é desconcertantemente sublime. A partir da renovação conciliar cada qual sabe muito bem que não basta formular propostas, mas urge realizá-las na vida concreta. Coligiram-se informações, verificaram-se fatos, analisaram-se situações, mediram-se posições, buscaram-se modos de proceder melhor, fizeram-se sondagens de opinião, solicitou-se a corresponsabilidade, ampliaram-se os diálogos, quanta atenção ao aspecto vital da formação permanente...

Os Projetos de Vida, não fizeram eloqüentes declarações, nem somente, ardentes mensagens, mas nos deram roteiros de atuação. Por isso eles têm dimensão jurídica, disciplinar, estrutural. Nesses Projetos há conjuntos de normas em termos de formação, que se observadas de fato, em espírito e vida, franqueiam o caminho à meta. Imaginemos, por exemplo, se fosse observado o roteiro de atuação imaginado para a formação das comunidades formadoras! Ajuntando alguns desses Projetos, desconsiderando o aspecto jurídico, estrutural, sigamos os passos de atuação: Crie-se um ambiente de recolhimento e de simplicidade; evi-

te-se aceitar pessoas vazias, fúteis, ingênuas e bizarras; não se modernizem apenas ingenuamente; não tenham em re-analisar sempre de novo o que não precisa ser; não resolvam tudo à base de perguntas e respostas; aceite-se ver o problema a partir da pessoa; aceite-se crítica à mistificação, à rotina; as dificuldades dos membros sejam aceitas como válidas e razoáveis; crie-se mesmo um ambiente de solidão; evite-se de se fiar somente na euforia coletiva; o Evangelho não é sistema legalista; as decisões não devem ser apenas feitas por outros; não há resposta para tudo; dê-se um ambiente para a experiência da própria identidade; ofereça-se clima para salvaguardar a integridade e a dignidade; fuja-se da massificação e da passividade; procure-se sair do vazio, da superficialidade, dos clichês mentais; re-estudem-se os valores da VR; não se exerça pressão frente à crítica séria e objetiva; supere-se a incapacidade psicológica de suportar os outros; ninguém se contente em apenas dar respostas lógicas e oficiais.

Tudo isso para que o modelo de PAZ e BEM seja satisfatório, ou mais, na Comunidade. Pensa-se numa Comunidade que não nasce de uma ideologia, de um código, mas do encontro, da diaconia, da **koinonia**, do **martyrion** — do testemunho, da ótica diaconal. Certamente que os Fundadores dos Institutos Religiosos reconhecem os respectivos Projetos de Vida hoje, como fiéis a sua inspiração e missão. O que falta é passar do papel à vida. Pedem esforços constantes, sinceros, fortes e grandes de não poucos.

O espírito dos Projetos de Vida declara guerra aberta ao triunfalismo barato, às deletérias ideologias, aos rótulos que apenas impressionam. Porque sabem que dar ouvido a tudo isso, gera insegurança negativa, questionamento negativo, a perda da identidade. Gera um clima que paralisa a alma, diminui a atratividade para novas vocações, enfraquece a fidelidade.

O elemento formador permanente dos Projetos de Vida coloca em primeiro plano o amor de Deus e seu serviço. Para os Fundadores nada mais certo do que em primeiro lugar, o primado de Deus: amar a Deus mais do que a si mesmo, fazer de Deus o que Ele realmente é: o centro e a medida de tudo. O homem é o servo, está a serviço Dele. Nisto está o segredo de toda realização pessoal. Só por esses motivos os respectivos Projetos de Vida podem figurar entre os maiores documentos que os Institutos podem apresentar.

## 6. Planejamento e condicionamentos

No campo da técnica pode-se prever necessidades, gostos, pode-se manipular. Com pessoas não dá. Ainda mais: quanto maiores forem os planejamentos na formação, tanto menores serão as possibilidades de execução. As realidades concretas, mal se acabou de planejar, vão para o arquivo, os planejamentos. As mudanças são rápidas e imprevisíveis. A meta então deve ser: melhorar, corrigir, aceitar, viver, levar a frente o que o passado dei-

xou de positivo. Sem condicionamentos explícitos e criativos não dá para planejar. Se alguém quiser grandes planejamentos, bem detalhados devem ser os condicionamentos.

Os condicionamentos, os instrumentos devem ser bem simples. Os instrumentos de Deus são sempre muito simples: uma convicção firme, a energia de uma palavra, a compreensão de um olhar, a oração de um homem de Deus, a resolução indomável de um homem de caráter, não são obras de gigantes, segundo a mentalidade do mundo, mas da minoria abraâmica, nos planos de Deus.

Em todo caso, não convém exclusivizar, dar prioridade absoluta a um ou outro modelo muito elevado. Essa afirmação recebe maior relevo na formação permanente dos Institutos Religiosos modernos. Têm eles praticamente tudo para se considerarem dentro da mentalidade moderna, com sua inserção no mundo, com os atuais meios de comunicação, com a valorização da pessoa. No entanto, são os que mais foram atingidos pela crise vocacional, chegando alguns a fechar suas portas por falta de vocações.

## Conclusões

1.<sup>a</sup> — Devemos ser realistas e pesar com muito critério nossos programas de formação continuada. Consideremos bem que, qualquer projeto novo, segundo a análise que se pode fazer, deveria funcionar. Mas por que não funciona? Talvez haja muito idealismo, talvez suponham qualidades humanas e espirituais em tão alto grau que se tornem utópicos. Para pessoas de carne e osso, o ideal pode ser muito bom, mas elevado demais.

2.<sup>a</sup> — A constante e progressiva formação, tanto pessoal, individual, como coletiva, programada, é indispensável em qualquer idade. Pode-se afirmar que as crises negativas vêm quase todas da falta de formação adequada, da falta de refontalização. Precisamos da formação que siga o ritmo progressivo e variante da realidade de hoje. Esse trabalho não termina nunca.

3.<sup>a</sup> — Estabeleçamos uma hierarquia nos campos da formação continuada, centrando-nos no mais necessário, tendo em conta o tempo disponível para digeri-la. Um campo imenso para os Religiosos, povo escolhido, mas não gelado.

---

# RELIGIOSAS PROFISSIONALIZADAS

---

---

Ir. Jeanne Marie Tierny, OSU  
Ir. Laura Maria Mousinho, NDS

---

Em nossa época, a Vida Religiosa não pode furtar-se à influência do processo de secularização. Para que esta influência, em si neutra, não leve as Religiosas ao secularismo, isto é, a um esvaziamento e mesmo à diluição da vida religiosa, mas ao contrário, contribua ao seu aprofundamento e firmeza no mundo de hoje, a **Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)**, no decorrer do ano de 1975, lançou dois projetos que dizem respeito a Comunidades de Religiosas Profissionalizadas em trabalhos alheios às obras da própria Congregação.

O primeiro projeto consistiu num levantamento junto a todas as Superiores Gerais e Provinciais. Verificou-se que vai crescendo o número de religiosas inseridas no mundo do trabalho, com vínculo empregatício, e mesmo, algumas Congregações fizeram esta opção de modo sistemático. Quanto às Comunida-

des constituídas preponderantemente de religiosas profissionalizadas, somente 25 Províncias responderam que as possuíam. Os depoimentos, em geral, foram positivos, embora as Superiores notassem os riscos inevitáveis destas experiências cujo êxito depende dos membros de tais Comunidades, de sua consistência interior, de suas convicções, dos seus objetivos, da clareza de seu comprometimento com a Igreja Particular.

O segundo projeto constou de um Encontro de reflexão realizado no Rio, de 23 a 26 de outubro de 1975. Representantes de comunidades religiosas profissionalizadas, com suas respectivas superiores provinciais e vários peritos, refletiram nas causas da inserção progressiva das Religiosas no mundo do trabalho e as implicações deste fato para a vida religiosa.

## 1. A Vida Religiosa no mundo do trabalho

**Reinterpretação do carisma.** Há necessidade de reinterpretar o carisma da Congregação nesse contexto:

Como os fundadores atenderam às necessidades dos homens de seu tempo? Qual a sua intuição missionária? Como nós estamos atendendo às necessidades de nossos irmãs, hoje? Qual nossa atuação? Concretamente, numa visão prospectiva, quais seriam as conseqüências deste estudo comparativo, no planejamento das Províncias? Como as comunidades, sob a coordenação das superiores, farão uma releitura do carisma da Congregação e dos carismas próprios das religiosas? Como orientar as pessoas cujo carisma fosse progressivamente descoberto sendo mais afim a outra Congregação?

**Processo pedagógico.** Como favorecer na Congregação um processo pedagógico de evolução, respeitando o pluralismo e mantendo a unidade?

1. Estudar a realidade sócio-econômica, política, cultural e religiosa, em âmbito local, regional e nacional. 2. Desenvolver a consciência crítica da religiosa para criticar e ser criticada. 3. Criar mecanismos de adequação à realidade em mudança. 4. Promover encontros entre religiosas engajadas em obras da Congregação com religiosas que trabalham fora; entre religiosas de congregações diferentes; entre religiosas profissionalizadas e o Governo Provincial, etc. 5. Avaliar as

experiências feitas na Congregação e em outras Congregações. 6. Buscar por parte do Governo o diálogo; dar incentivo; ter confiança nas pessoas; promover a liberdade de expressão e a corresponsabilidade. 7. Traçar linhas de formação permanente das Irmãs desde o período inicial. 8. Relatar as experiências positivas em Boletim de circulação interna.

**Explicitação do processo.** Se analisado globalmente, desde as origens até a atual situação, constata-se neste processo histórico:

1.º) As pessoas que entraram no processo de inserção, não possuíam uma visão adequada do mundo do trabalho. Às vezes, havia uma visão ilusória e poética. Havia também um despreparo, uma falta de capacitação profissional.

2.º) As mudanças que o processo acarretou na comunidade. Por exemplo: mudança de grande comunidade para pequena comunidade. Na atividade apostólica. Por exemplo: mudança de obras mais tradicionais para novas formas. Destas mudanças derivou também uma modificação no status da religiosa, com dificuldade de ser identificada como forma de vida no contexto da vida cristã tradicional. É um mero fato de efeitos negativos e positivos.

3.º) A irreversibilidade do processo com possibilidade de interferência consciente. Há dificuldades especiais no equilíbrio entre oração e trabalho, dificuldade no modo de descobrir o modo explícito de evangelizar, etc. A busca de novas for-

mas de rezar e de realizar a convivência comunitária é preocupação constante.

Neste contexto de realização histórica de um processo de vida notam-se **efeitos positivos**: maior autenticidade e responsabilidade em assumir a vida religiosa; amadurecimento da personalidade, alegria interior; seleção na vida religiosa; como ainda se notam **efeitos negativos** de ordem pessoal: exagero na inserção no meio com esvaziamento de motivação mais profunda; desajustes pessoais e deserção da vida religiosa. Efeitos negativos de ordem comunitária: tensões entre religiosos de uma mesma comunidade, província e congregação; dificuldade de compreensão e comunicação, diferença de velocidade no processo, incompreensão na flexibilidade do próprio carisma, dificuldade no discernimento da verdadeira vocação pessoal.

### **Identidade da religiosa**

Tendo como ponto de referência a religiosa que trabalha numa organização profissional, queremos apresentar aqui muito mais do que um documento de estudo fundamentado, uma linha de reflexão sobre experiências que até certo ponto passaram pelo processo de purificação, para que juntos, mais tarde, possamos dar linhas claras e definidas sobre a nossa posição de religiosas diante de situações que nos parecem ainda um tanto ambíguas. São resultados de estudos e reflexão feitos em grupos:

### **Exigências de um trabalho profissional legalizado na realidade**

**brasileira.** Para que a religiosa possa dar um testemunho válido e bem entendido no mundo do trabalho é indispensável que tenha capacitação pessoal e técnica. **Capacitação pessoal**: o mínimo de condições humanas que a profissão exige. Para isso a religiosa deve apresentar uma abertura para desenvolver o potencial humano que possui. Uma das suas constantes preocupações é criar espaço para uma interiorização que a predisponha a uma consciência crítica para uma integração pessoal sempre crescente. Estes três elementos: interiorização, consciência crítica e integração pessoal, sempre que possível, devem ser partilhados, a fim de que possam levar, gradativamente, a pessoa à intimidade do próprio ser.

A **capacitação técnica** encontra seu elemento básico na capacitação pessoal da religiosa, sem a qual tornar-se-ia impossível a despersonalização do trabalho. Na medida em que haja, por parte da religiosa, uma preocupação pelo aperfeiçoamento técnico do trabalho que faz, torna mais inteligível a dimensão de serviço da sua profissão, pela eficiência que apresenta. Com base nas experiências que estão se realizando nas diferentes congregações, podemos dizer que a eficiência do trabalho profissional legalizado é elemento fundamental para entrarmos como agentes do processo evangelizador, também explícito, se for o caso.

Considerando-se que este trabalho profissional legalizado é exercido por religiosas, supõe-se nas mesmas uma preparação que tenha seus fundamentos na Bíblia e na

teologia. A formação bíblico-teológica que deve ser permanente, vai caracterizar todo trabalho da religiosa profissionalizada. A palavra de Deus que dá pleno sentido e ilumina toda ação do homem em todos os tempos, deve redescobrir e redefinir as atitudes e os comportamentos evangélicos da religiosa diante da evolução da técnica, responsável pelas profundas e rápidas mutações do mundo de hoje. É na vivência da dimensão bíblico-teológica que se encontram os elementos concretos que fazem acontecer a evangelização.

Outra exigência deste fato, que nos pareceu evidente, foi o de que a religiosa, profissionalmente legalizada, procure ter **conhecimento básico da situação sócio-econômica do país**. Este conhecimento abri-la-á para saber interpretar os fatos da história que os homens fazem, tendo como ponto de referência o evangelho que procura encarnar no contexto em que vive. As situações ambíguas que, muitas vezes, vive e sente-se incapaz de interpretar e compreender, favorecerão uma atitude evangélica de busca, caminhada e espera ativa plenificadas pela oração na fé. O senso crítico e o discernimento pessoal e comunitário, deverão iluminar e inspirar suas atitudes neste contexto.

Para que se concretize e se viva um sentido mais pleno da nossa missão e para uma maior responsabilidade em assumir a Vida Religiosa neste contexto, faz-se urgente, na medida do que for possível, um **acompanhamento das Congregações** às religiosas que livremente se inserem no trabalho profissional

legalizado. Para tanto seria aconselhável um período de estágio a fim de que a religiosa, estando em contato direto com a natureza do trabalho profissional e suas múltiplas implicações, se situe e opte para a profissão na qual se sinta mais útil.

É imprescindível que sejam dadas à religiosa, neste estágio, condições para que chegue também a uma opção de radicalidade como pessoa consagrada, especificamente numa congregação com carisma próprio. Sugere-se que este acompanhamento seja feito pela comunidade onde vive a religiosa. A comunidade, por sua vez, procure buscar ajuda e clarificação junto ao Conselho Provincial. Vemos neste acompanhamento pessoal uma riqueza tanto para a religiosa como para a comunidade. Nesta troca de valores, no seu mais amplo sentido, haverá um crescimento progressivo para discernir um engajamento evangélico e efetivo no mundo do trabalho organizado por leis.

Atendendo aos anseios de muitas religiosas engajadas nesse processo, pede-se que haja um estudo e uma reflexão numa linha de abertura também para as profissões que se situam fora do campo liberal que atendem a determinadas camadas sociais.

## 2. A identidade do "ser religiosa" inserida na realidade profissional

Tendo presente a conceituação teológica de vida religiosa, vamos aqui enfatizar aqueles aspectos que se referem mais à vivência da reli-

giosa no mundo do trabalho e que por este motivo exigem dela comportamentos que falem de maneira inteligível ao grupo profissional a que pertence. Não pretendemos desenvolver conceituações teológicas sobre o ser religioso, mas realçar os pontos que mais marcaram o estudo e a reflexão do encontro.

◆ A religiosa inserida numa realidade profissional, regida por leis, identifica-se pela dimensão de radicalidade cristã que ela torna presente naquilo que faz e não pelo tipo de trabalho que executa.

◆ Para humanizar e cristianizar o mundo do trabalho, **não bastam as boas intenções da religiosa**, mas faz-se necessária e imprescindível uma capacitação que determine a qualidade do trabalho.

◆ A identidade do ser religioso, nesta realidade, configura-se na medida em que se encarna no trabalho que realiza. É assim que ele se plenifica e participa do ato criador de Deus que cria através das ações humanas.

◆ **Vivência da castidade.** Assim identificada, a religiosa que consagrou todo o seu amor à causa dos homens, à causa de Deus presente nos homens, deve estar atenta às exigências das pessoas a quem serve numa atitude de abertura, de acolhimento, de disponibilidade e de escuta. Esta atitude de doação de si mesma aos outros, supõe um critério de comprometimento, para que se evite o envolvimento emocional e o desgaste afetivo. Tal comportamento vai identificar a religiosa como pessoa que não esgota num grupo específico a vivência do amor.

◆ **Vivência da obediência.** É importante realçar aqui o aspecto sensível de todas as dimensões do trabalho. No seu modo de realizá-lo, com a sua palavra ou silêncio oportunos, a religiosa poderá despertar nos seus colegas de profissão os valores humano-cristãos do trabalho, encobertos pelo sistema que lhe é imposto. Estar atenta para não confundir a obediência religiosa com a disciplina do mundo empresarial, a que todos estão sujeitos, pois a obediência religiosa deve ultrapassar esta situação, libertando-nos das forças opressoras.

Considerar que, enquanto a religiosa, pela obediência, se compromete à vida de consagração como tal, na vida em que desempenha os encargos de sua profissão, obedece à execução de projetos, de planejamentos globais de ação que exigem dela comportamentos, não raro, questionadores diante de seus colegas de trabalho, os quais permanecem numa atitude passiva e comodista. Há um aspecto de evangelização o conscientizadora evidente nesta linha. Nem sempre isto é percebido pelo profissional como um testemunho de obediência que liberta porque visa como objetivo o bem do outro.

Nesta situação, a religiosa assume livremente o ato de obedecer ao que planejou ou foi planejado, dando assim um testemunho concreto de sua radicalidade cristã. Vemos aqui que a religiosa pode levar ao mundo do trabalho o mundo dos seus votos. A exemplo de Cristo que assumiu a obediência ao Pai até a morte e morte de Cruz, a religiosa deve buscar sentido e

força para essa morte contínua de si mesma, nesta realidade.

◆ **Vivência da pobreza.** Os valores do Reino devem nortear as opções da religiosa em novas frentes de trabalho e redefinir a pobreza no exercício da profissão. A pobreza vem mais vinculada ao ser da religiosa do que ao ter. Nesse sentido, percebemos a necessidade de situar a pobreza como opção radical de anúncio do Reino, acima de qualquer discriminação de trabalho. Como pessoa pobre de Jesus Cristo, a religiosa tem todo o ser voltado para assumir aquele trabalho onde mais e melhor possa responder ao chamado fundamental de criar uma nova terra de justiça e amor aos mais necessitados.

Os riscos e inseguranças que deve assumir quanto ao emprego, criam-se situações de fazer experiência de peregrina com um povo que busca uma terra nova. Esta solidariedade de ser com o povo firma a identidade religiosa no anonimato das massas, pelo testemunho de seu trabalho pela libertação da pessoa humana, que se opõe ao carreirismo e à competição dos cargos de interesses e projeções meramente pessoais.

É importante para a religiosa vivenciar a busca da manifestação de Deus nos sinais eloquentes de contato com o povo. Isto leva a uma constante desinstalação, para o que a religiosa precisa cultivar uma unidade interior e uma sensibilidade crescente para a pobreza que desinstala. Atenta para não entrar na mecanização do mero trabalho repetitivo, mas imprima nele o cará-

ter criativo através do qual se assemelha a Deus que cria constantemente de formas diferentes.

A solidariedade partilhada deve assinalar o trabalho da religiosa. Pelo trabalho, ela experimenta e faz acontecer a aliança com os irmãos através do serviço que presta a eles. Pela missão que a religiosa tem de concretizar a vontade do Pai pelo trabalho, cabe a ela ser o agente de transformação das condições opressoras em que o homem trabalha hoje, agir com prudência evangélica e fazer com que os direitos da pessoa humana não lhe sejam vedados.

O conhecimento da legislação trabalhista torna-se uma realidade para a religiosa, hoje. Cabe a ela inteirar-se e integrar-se no que se refere à Consolidação das Leis do Trabalho vigente no país. Tanto as religiosas que trabalham nas obras da Congregação como as que trabalham fora delas, usufruam dos benefícios e cumpram os deveres relacionados com a CLT. É salutar à religiosa experimentar a disciplina que lhe advém da legislação trabalhista no que se refere a horas de trabalho, a salário, a INPS, a férias, a aposentadoria e a outras implicações legais, através das quais vivenciará de perto, a solidariedade humana.

### **3. A Comunidade de Religiosas, legalmente profissionalizadas**

Chamamos de Comunidade de Religiosas Profissionalizadas aquela onde alguns ou todos os membros possuem capacitação e títulos

em determinados trabalhos e estão vinculados às exigências das leis trabalhistas. **Esboço dos motivos mais profundos** que levaram à formação dessas comunidades:

a) Responder às necessidades do Povo de Deus que espera um testemunho de solidariedade pela inserção mais próxima, de modo que se torne mais fácil para ele perceber a radicalidade da vida cristã como sinal que supera todas as barreiras.

b) Conveniência de buscar novas formas de vida religiosa em que fossem vividos mais intensamente os valores fundamentais, como: corresponsabilidade, partilha fraterna, ação do Espírito que move parte das religiosas a assumir este apelo com coragem evangélica.

Note-se, no entanto, que a religiosa profissionalizada não assume como principal tarefa a evangelização explícita no lugar onde a pequena comunidade está inserida. Os melhores esforços da religiosa profissionalizada na linha de evangelização devem se dirigir para o ambiente do seu trabalho profissional.

**Requisitos dos membros para a formação destas comunidades.** As experiências já vivenciadas mostram que certas condições são necessárias aos membros das comunidades religiosas inseridas neste contexto.

a) Opção clara e sempre renovada para a vida religiosa e disponibilidade pessoal para assumir a profissionalização a serviço da Igreja.

b) Convergência de concepção sobre a Igreja hoje, a Vida Religiosa hoje.

c) Objetivo comum da comunidade: revisão planejada da coerência diária do grupo em relação aos seus objetivos: a vivência religiosa explícita num determinado contexto.

d) Criação de condições favoráveis para o acompanhamento da Congregação com a finalidade de assegurar o dinamismo apostólico dessas comunidades.

#### 4. Duas questões anexas

**Primeira.** Seria possível tratar de profissionalização de religiosas sem uma reflexão global sobre a identidade da vida religiosa e seus rumos no contexto do mundo e da Igreja de hoje?

É preciso não ignorar um fato: as religiosas vão assumindo profissões fora das obras próprias de seus respectivos institutos ou instituições. Diante deste fato é preciso distinguir os campos ou aspectos da vida religiosa que são atingidos pela atitude de tais religiosas. Duas observações preliminares:

a) Não é o fato do trabalho profissional que suscita preocupações e que está exigindo muita reflexão. Dentro das Instituições congregacionais, cada religiosa exercia uma profissão no sentido de dedicar-se a determinada tarefa. Em muitas congregações havia e continua crescendo o interesse para especializar os membros, dentro de um campo profissional bem definido. Não parece ser a diversificação das atividades o âmago da questão. Nas

instituições congregacionais sempre houve cozinheiras, lavadeiras, recepcionistas... Independentemente da espiritualidade própria do Instituto, exerceu-se desde sempre uma gama de atividades manuais ou intelectuais diversificadas, comparáveis às diversas profissões hoje assumidas por religiosas que se engajam em obras não pertencentes à Congregação. Isto nunca foi visto como impecilho à vida religiosa.

b) O que parece exigir profunda reflexão é o contexto novo de vida que a profissão fora do contexto da vida religiosa traz consigo. Se, por um lado, o **contato com o mundo** não respira aqueles valores especificamente de uma vida religiosa que estava presente em todos os momentos da religiosa e por todos os lugares onde se locomovia, é certo também que fora da instituição ela encontrará valores próprios. A religiosa passa a absorver, consciente ou inconscientemente, estes valores do meio em que trabalha e com o qual se comunica. A religiosa, pois, não recebe apenas a carga de estímulos e valores de ambiente do "convento", mas também recebe estímulos e valores do mundo leigo. O mundo passou a ser outra fonte de influência sobre a concepção e a prática da vida religiosa. Além da pessoa da religiosa inserida no mundo, a própria vida religiosa passou a ser pressionada a uma transformação de padrões, de critérios de vida, de modo de entender os valores específicos... A vida religiosa tem assim dois pólos inspiradores: o ambiente da vida religiosa e a vida das religiosas no mundo, ou seja, o próprio mundo passou a ter influência.

É preciso admitir que o mundo em que a religiosa se insere possui valores. Não é um mundo a ser evitado, mas um mundo a ser assumido. Porque ambíguo quanto aos valores da vida religiosa e mesmo evangélicos, deve ser assumido com senso crítico. Só assim o mundo pode enriquecer a vida religiosa e a religiosa pode se sentir estimulada a tornar-se testemunha daqueles valores específicos de sua profissão evangélica.

Dentro das Instituições religiosas, a profissão era e é ainda desvinculada do sistema econômico-legal do mundo. Agora há um **contato com a legislação do mundo profissional**. A vida religiosa se eximia das transações próprias do ambiente profissional. Com a inserção neste ambiente, a religiosa já não pode se eximir. Sente-se inserida num contexto em que seu trabalho é avaliado em termos econômicos. Este fato também traz para a vida religiosa uma série de questões e critérios diversos de avaliar o trabalho prestado. Conjugação dos critérios de avaliação do trabalho por parte da vida religiosa e por parte do mundo profissional é um desafio que logo se faz sentir na própria vida religiosa.

**Contato com pessoas que não vêm a religiosa**, mas às quais a religiosa se dirige pelo fato de ir se inserir no seu meio. Passando do ambiente de vida religiosa, onde a necessidade de evangelizar não se evidenciava, para um mundo ambíguo, a religiosa sente o desafio de dever testemunhar e anunciar o evangelho. O mundo do trabalho não preocupava a religiosa. Do mo-

mento em que a religiosa se insere neste mundo, sente-se questionada em sua vivência evangélica e solicitada a evangelizar.

A inserção da religiosa em obras que não pertencem a seus respectivos institutos, já não é através do status de religiosa que vai se identificar, mas pela sua presença de religiosa. A inserção pelo trabalho, pela profissão, exige um diálogo com o mundo. A religiosa já não está à margem dos problemas do mundo e especificamente do mundo do trabalho, mas no seu interior. Como ser presença de religiosa neste contexto? Só pelo seu ser religiosa pode passar o testemunho da vida religiosa.

O problema da religiosa, como pessoa, e sua exigência de se inserir no mundo aparece como um processo inevitável. Que a religiosa sinta a necessidade de estar inserida na sociedade pelo trabalho, pela profissão, pelo salário, não só por segurança psicológica da religiosa, e isto se torna cada vez mais importante, mas ainda pela exigência cada vez mais reconhecida de que ao esforço e ao trabalho deve corresponder uma justa retribuição por parte de uma sociedade bem organizada.

O fato de a religiosa, em contato com o mundo do trabalho, sentir a exigência de avaliar economicamente seu trabalho e seu tempo, seus esforços e seu espaço ocupado, é certamente um valor que a inserção no mundo vem despertar no interior da vida religiosa, desde que seja colocado no seu devido lugar. Por outro lado, não se exclui

que haja outros valores a serem buscados pela religiosa e que não serão suficientemente traduzidos em termos de pagamento. Grande parte da ação da religiosa se dará no âmbito de valores, de esforços, trabalho não aferíveis em retribuição monetária. Esse critério de avaliação do trabalho humano é praticamente ausente do mundo do trabalho. Talvez, exatamente neste ponto, esteja o específico da ação profética e evangelizadora da religiosa inserida no mundo. Essa presença de valores não econômicos na avaliação do trabalho humano é a contribuição própria da vida religiosa no mundo profissional.

**Segunda questão.** Salário, pobreza e gratuidade para a religiosa profissionalizada.

É preciso admitir que a inserção da pessoa na sociedade de hoje se dá cada vez mais pelo trabalho profissionalizado e pela justa retribuição salarial. Aliás, a falta de equilíbrio entre estes dois componentes — profissão e salário — é causa de muita revolta na sociedade. Mas se faz necessário levar a reflexão mais adiante. A religiosa poderia se igualar integralmente aos profissionais, no que se refere à sua atividade, avaliada exclusivamente do ponto de vista econômico?

a) A escolha da atividade apostólica, por exemplo, não poderá ser feita em função da retribuição salarial. Há uma dedicação de serviço ao outro, há uma disponibilidade não rentável que deve caracterizar a ação apostólica. Como assegurar, então, um discernimento apostólico verdadeiramente evangé-

lico? Como realizar, no apostolado remunerado, a dimensão de gratuidade? Como garantir, dentro do contexto profissional, a prestação de serviços gratuitos, em favor dos irmãos e de suas necessidades? Como testemunhar a dimensão do amor gratuito, num contexto de equivalência: salário — trabalho? São questões que envolvem critérios de vida religiosa e critérios de vida profissionalizada, sem reduzir uns aos outros. Descobrir os critérios e manter o discernimento, eis a questão a ser feita na vida.

**b)** Suposta a retribuição em forma de salário pelo trabalho prestado e admitida a dimensão de gratuidade que deve estar presente na religiosa como expressão evangélica, como proceder para a utilização do dinheiro? É evidente que a con-

veniente manutenção da religiosa e até dos membros necessitados da comunidade é a primeira exigência que aparece. Inclui-se nesta perspectiva, a solidariedade com as religiosas mais idosas ou enfermas que, devido à época e ao estilo de organização, não gozam dos benefícios sociais, assumindo assim a dimensão de recursos da comunidade-congregação. Mas há ainda o fato de que, levando em consideração a equivalência salarial com os demais profissionais e as condições de vida da religiosa (ausência de filhos, número de membros ativos e rentáveis, condições de pobreza que exclui supérfluos...), deverá haver um superavit com relação às necessidades atendidas. Qual o melhor modo de testemunhar a pobreza evangélica?

---

## PARA VOCÊ LER

---

# LIVROS NOVOS

---

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS

---

1. **DEMOCRACIA RACIAL**, Tales de Azevedo. Editora Vozes, 1975. Páginas 108. "Não faltam evidências de que no Brasil a interação de brancos com pretos e pessoas de cor em geral é excepcionalmente tranqüila e de que o preconceito, a discriminação, as preterições por motivo de "raça", são repelidos como antagônicos dos valores abertamente aceitos. Inexistem expressões ostensivas de segregação de um grupo pelo outro. Até onde isto é inteiramente verdadeiro e até onde "na prática a teoria é outra", eis a questão". 2. **MARIA E O ESPÍRITO SANTO**, vários autores. Edições Loyola. Ano 1976. Páginas 72. É o primeiro livro da Coleção **O Novo Pentecostes**, ou seja, um novo derramamento do Espírito Santo na Igreja. Jesus está libertando o Espírito Santo em muitos, como Ele prometeu. Muitos estão renascendo de novo pelo Espírito Santo. Es-

ta coleção quer responder ao desejo de muitos de participar desta experiência do Pentecostes e se integrar na comunidade e no ministério carismáticos.

3. **RAISSA**, Regis Castro. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 146. 4. **MYSTERIUM SALUTIS**. Volume IV. Tomo 2: Igreja Povo de Deus e sacramento radical. Johannes Feiner e Magnus Loehrer. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 124. 5. **VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**, Tomás Celano. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 224. Frei Tomás de Celano foi companheiro e discípulo de São Francisco. Foi o amigo das primeiras horas. Desta convivência surgiu sua crônica intitulada **Primeira Vida**, escrita em 1228 e **Segunda Vida**, em 1244. 6. **SÍNTESE**, n.º 5, Nova Fase, volume II, outubro/dezembro 1975. Edições Loyola. Páginas 160.

**UM RETIRO EM BÉNI-ABBÈS**, René Voillaume. Tradução do original francês **Retraite à Béni-Abbès** de M. Cecília de M. Duprat. Edições Paulinas. Ano 1975. Páginas 304.

Anualmente os noviços dos Irmãozinhos e Irmãzinhas do Evangelho passam as últimas semanas de seu noviciado no deserto, em Béni-Abbès, ao lado da ermida do Padre Foucauld, seu pai e fundador. Neste local, na própria capela do irmão Carlos de Jesus, eles emitem os primeiros votos. Sua profissão é precedida de um retiro. Este livro contém as palestras que o Padre René Voillaume fez em março de 1971 aos Irmãozinhos e às Irmãzinhas, preparando-os para este primeiro engajamento de sua vida religiosa.

É lógico, estas páginas não podem reproduzir o clima todo especial em que se desenrolou o retiro, na pobreza e no silêncio da capela do deserto, onde é mais fácil do que em qualquer outro lugar, o contato com aquele que se mantém, para todos nós, o inspirador de nossa vocação.

Numa época em que os valores tradicionais e, provavelmente, fundamentais da vida religiosa estão sendo postos em debate, constata-se que estes mesmos valores, vividos na sua veracidade, com um coração simples e sem discussões vãs, mantêm-se profundamente atuais. O dom de si no amor da castidade fraterna, uma íntima união na oração com o Filho de Deus, uma fé viva e atual no mistério da encarnação, o devotamento total à evangelização dos pobres, constituem um ideal que não cessa de trazer àquelles que o aceitam viver, uma plenitude de paz, na certeza, cheia de alegria, de irradiar sua vida segundo a verdade.

Os jovens de todos os países que em Béni-Abbès se comprometem, à exemplo do Irmão Carlos, não são diferentes dos outros jovens de nosso tempo. Eles ouviram o apelo de Jesus e querem corresponder à altura. O apelo do mestre se dirige ao homem de todos os tempos e a ele diz respeito, tal como é no íntimo de si mesmo e segundo um destino que nenhuma cultura ou civilização tem o poder de modificar.

A intromissão do Verbo de Deus na história do mundo e os encaminhamentos de seu reino não são exatamente razoáveis e desorientam sempre os nossos projetos humanos, como desconcertaram o projeto do nacionalismo de Israel, o da sabedoria grega e o do poder de Roma. O sobrenatural está ligado intrinsecamente ao ser do Cristo e o que ele nos comunica de sua vida no seu corpo que é a Igreja. O sobrenatural existe no seio do mundo e da consciência dos homens.

Os problemas erguidos pela vida religiosa acabariam por se esclarecer se chegássemos à nítida conclusão de que esta vida não é concebível nem realizável fora de seu fundamento que é inteiramente sobrenatural. Nenhuma resposta é tão decisiva neste domínio quanto aquela trazida pela alegre certeza dos que experimentam, em seu ser, a plenitude de vida e de verdade que descobrem cada dia no seu "amado Irmão e Senhor Jesus" a quem tudo deram.

**A VOZ DE DEUS NAS VOZES DO MUNDO**, P. R. Régamey. Tradução do original francês **La voix de Dieu dans les voix du temps** de Luís João Galo. Edições Paulinas. Ano, 1975. Páginas 280.

Não há dúvida de que a Igreja hoje está sendo impelida por Deus a operar profundas mudanças em sua estrutura. As exigências da época atual se apresentam como pressões que Deus impõe à vida contemporânea às quais somos forçados a nos dobrar sob pena de perecer. Até onde tais pressões nos arrastam, é a pergunta que aflige a muitos.

Diante das mutações radicais e vastas do mundo, do homem e da Igreja, há aqueles que pensam que a vida religiosa está sendo chamada a uma metamorfose integral. De fato, tal como se manifesta entre nós em sua estrutura íntima e essencial, como solidária de formas ultrapassadas de uma maneira de viver, não está condenada a desaparecer? Tal hipótese que muitos contemporâneos tomam como sendo já certa e irreversível, ainda não é muito segura e provável. O Concílio reconheceu e confirmou a concepção tradicional deste estado de vida e isto para o futuro, com conhecimento de causa e sob a ação do Espírito Santo. Basta ler **Lumen Gentium**, c. VI e o decreto **Perfectae Caritatis**. Pela primeira vez desde a sua origem a Igreja formulou a carta magna da vida religiosa especificando as exigências desta vocação que sempre foram as mesmas e permanecerão tais, embora o fizesse na clara perspectiva das mutações atuais. Tais exigências derivam diretamente do evangelho.

É necessário superar o processo de tendências tanto inovadoras como conservadoras. Oposições estas muito desastrosas. Impedem uma visão clara e objetiva das coisas. Já que o Concílio nos impõe um juízo a priori, um juízo antecipado da vida religiosa, em favor da maneira como a compreendeu a tradição, dissipe-se desde logo do espírito o equívoco que confunde a tradição com os desvios atuais ou do passado. Na vida religiosa como é conhecida no passado, a voz de Deus não era tão clara. Era embaçada pela voz humana que, por vezes, era muito humana. É a primeira parte do livro.

Até que ponto as mutações atingem o estado religioso, em seus elementos essenciais e vitais. Estas mudanças colocam a vida religiosa no dilema: modifique-se ou desapareça? É a segunda parte do livro.

Não se pode desviar a atenção das vozes que sobem das profundezas do tempo. Contestações e reivindicações instantes se elevam em tumulto. Requerem discernimento, discreção, prudência. Discernimento dos espíritos, nunca tal palavra se impôs tanto como agora. Terceira parte.

São as reivindicações justas e as exigências legítimas que o tumulto pode comprometer. As necessidades prioritárias da vida religiosa não são as que se formulam por si mesmas, mas aquelas que se manifestam quando são por elas satisfeitas. É a quarta parte.

**ORAÇÃO E LIBERTAÇÃO**, J. Ramón F. de la Cigoña, SJ. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 176.

Subtítulo da obra: **Exercícios espirituais para o homem de hoje**. O livro é a exposição do método inaciano para todos aqueles que, tendo feito já uma experiência de conversão, querem aprofundar ainda mais sua vida cristã. O livro foi escrito especialmente para todos aqueles jovens e casais que, tendo um dia acordado para o seguimento de Jesus, buscaram aprofundar hoje sua existência, guiando suas vidas pelo evangelho até chegar àquela liberdade total dos filhos de Deus.

Você, leitor, fará esta experiência fundamental dos exercícios, no dia a dia de sua vida. O que Inácio fez em Loyola e Manresa, cidades da Espanha, Você o fará em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Porto Alegre. O importante não é o lugar mas a profundidade e a qualidade da sua experiência. E sua experiência, seu caminho deverá brotar do seu encontro com a Palavra de Deus. Vai ser a palavra de Deus que vai confrontar, conformar e reformar sua vida.

Loyola foi para Inácio a etapa de uma conversão radical, de uma mudança total de vida. Lá brotou nele um desejo forte de entregar-se a Jesus Cristo e servi-lo. Verdadeiramente isto mostra que ele tinha encontrado com Cristo. Sua conversão consistiu em deixar de lado a vaidade e superficialidade do mundo com o seu pecado. Tirou a máscara que lhe cobria, toda aquela mentira de sua vida, e descobriu-se pobre e nu, precisando em absoluto de Deus para dar sentido ao imenso vazio que experimentava na sua vida. Inácio tinha trinta anos quan-

do decidiu ser cristão em profundidade.

O homem é incapaz de auto-salvar-se. Por isso, precisa de Deus. O homem é incapaz de auto-realizar-se. Por isso, precisa do evangelho. O homem é incapaz de dar um sentido absoluto, profundo e autêntico à sua vida, se não sair de si mesmo. Por isso, precisa fazer a experiência do encontro. Só se dão encontros entre pessoas. E Jesus é uma pessoa.

**UMA IGREJA QUE NASCE DO POVO**, Encontro de Vitória, ES. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 244.

Este livro retrata o **I Encontro Nacional de Comunidades de Base**, celebrado em Vitória, Espírito Santo, nos dias 6, 7 e 8 de janeiro de 1975, quando bispos, sacerdotes, religiosos e leigos de todo o Brasil, homens e mulheres, reuniram-se para trocar pontos de vista, reflexões e sobretudo experiências já vividas em torno desta nova visão da **Igreja que nasce do povo**. Ao ler estas páginas Você verá que está surgindo na Igreja do Brasil um novo estilo de pensar, um modo de ser diferente, uma nova Igreja, enfim, nascida da velha Igreja, aberta aos problemas da sociedade, tentando falar a linguagem do nosso povo. Uma Igreja do Terceiro Mundo que em obediência ao Evangelho e aos apelos da realidade vivida pelo seu povo opta por uma evangelização libertadora, opta pelos oprimidos. O livro se recomenda, pelo seu alto significado teológico-pastoral, não apenas ao clero, mas sobretudo ao leigo cristão preocupado com a vivência autêntica de sua Igreja.

# Padre Luís Rulla, SJ

- Diretor do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma.
- Professor da Loyola University, Chicago, EUA.
- Psiquiatra pela McGill University, Montréal, Canadá.
- Laureado em Psicologia Clínica pela University of Chicago.
- Membro da American Psychiatric Association
- Membro da Canadian Psychiatric Association
- Autor de DEPTH PSYCHOLOGY AND VOCATION, resultado de uma pesquisa por ele dirigida entre as Congregações Religiosas nos Estados Unidos, sobre a evolução da motivação vocacional ao sacerdócio e à vida religiosa.
- Assessor e principal Relator da Sessão de Estudos dos Superiores Gerais, em Villa Cavalletti, Roma, promovida pela União dos Superiores Gerais (USG), em novembro de 1975.
- Vem ao Brasil a convite da CRB-Nacional

## A FORMAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA NOVAS PERSPECTIVAS

### Seminário de Estudos

- promovido pela CRB-NACIONAL
- Local: Vila Kostka — Itaici C. P. 9  
13.330 Indaiatuba — SP
  - De 5 de setembro, 17 horas  
a 10 de setembro, 19 horas
  - Vagas: 120 a 150 o máximo

---

Peça logo sua inscrição a:  
CRB-NACIONAL/RULLA  
Rua Dom Gerardo, 40/6.º — ZC-05  
— 20.000 — RIO DE JANEIRO — RJ

---

Dê seu nome e endereço completo e exato.

### Roteiro Básico dos Temas

1. A entrada na vida religiosa: motivações ou convicções? 2. A perseverança e o crescimento na vida religiosa. O que favorece e o que dificulta. 3. Ajudas indiretas ao crescimento vocacional. 4. Efeitos das funções e experiências, apostólicas e não apostólicas. Efeitos das lideranças sobre os indivíduos e os grupos. 5. Enfoque vocacional do problema da sexualidade e da castidade. Alcance e conseqüências sobre a personalidade global.

É INDISPENSÁVEL CAPACITAR-SE FACE AOS DESAFIOS DA REALIDADE HOJE